

BENTO XVI

“Quando enfraquece em nós a consciência da inspiração, corremos o risco de ler a Escritura como objeto de curiosidade histórica e não como obra do Espírito Santo, na qual podemos ouvir a voz do Senhor e conhecer a sua presença na história”.

A BÍBLIA E SUAS CONTRADIÇÕES ONDE A SOLUÇÃO?

*Colocamos no nosso site o texto deste livro publicado pela Paulus,
hoje, fora de catálogo.*

APRESENTAÇÃO

Não vamos falar aqui de contradições entre Bíblia e ciência, como os sete dias da criação do universo ou o sol parar por ordem de Josué. Vamos falar de contradições entre textos diferentes dentro da própria Bíblia. Comentaremos também algumas incoerências, faltas de lógica ou de bom senso dentro de uma mesma narrativa.

Nosso objetivo é mostrar como a Bíblia não deve ser lida. Na **solução** iremos apresentar pouco a pouco com que olhos a Bíblia pode ser lida com maior proveito.

ÍNDICE

1. DEUS CRIOU PRIMEIRO O HOMEM OU OS ANIMAIS
2. MULHER, COSTELA DO HOMEM OU CRIADA COM ELE?
3. COBRA JÁ TEVE PERNAS?
4. COM QUEM SE CASOU CAIM
5. FOI DEUS OU FOI SATANÁS?
6. ONDE JESUS SE DESPEDIU
7. POBRES, DEVE HAVER OU NÃO

8. JESUS QUERIA VER TODOS EMBRIAGADOS?
9. DA MONTANHA OU DA PLAINÍCIE
10. MOISÉS ESCREVEU COMO FOI A SUA MORTE?
11. MARIA PENSOU QUE JESUS ESTAVA LOUCO?
12. A QUE HORAS JESUS FOI CRUCIFICADO?
13. DEUS ABANDONOU JESUS?
14. PEDRO, PORTEIRO DO CÉU?
15. ESTAVA NA MONTANHA E FUGIU PARA A MONTANHA
16. O CAMELO E A AGULHA
17. IR PARA CASA SEM ENTRAR NO POVOADO
18. 666 É O NÚMERO DO PAPA?
19. ONDE ESTAVA JESUS AOS 40 DIAS DE VIDA?
20. PODE O MARIDO DISPENSAR A ESPOSA?
21. JOSÉ TEVE DOIS PAIS
22. VIU A FÉ DE UNS E CUROU O OUTRO
23. ONDE FOI A TERCEIRA TENTAÇÃO
24. NO SEXTO OU NO OITAVO DIA?
25. UM JUDEU COM MEDO DOS JUDEUS
26. IMAGENS, SIM OU NÃO?
27. VESTIU A ROUPA PARA PULAR NA ÁGUA
28. QUANTO DURA A VIDA HUMANA?
29. QUEM CARREGOU A CRUZ DE JESUS?
30. QUAIS AS PALAVRAS DO LETREIRO DA CRUZ?
31. “DE DOIS MIL NÃO PASSARÁ”, PASSOU!
32. EPÍLOGO – A ANÁLISE LITERÁRIA

1.

DEUS CRIOU PRIMEIRO O HOMEM OU OS ANIMAIS?

O livro do Gênesis no seu capítulo 1, versículos 9 a 23, diz que Deus criou as plantas no terceiro, os astros no quarto dia, os animais no quinto e só criou o ser humano no sexto dia. Assim, o ser humano foi o último a ser criado. O mesmo livro do Gênesis, porém, no capítulo 2, versículos 4b a 7 diz que não havia qualquer planta, porque o homem ainda não tinha sido criado. Só depois de modelar o ser humano do barro da terra é que Javé ou o SENHOR plantou um jardim, onde colocou o ser humano. Os bichos e os animais, segundo o mesmo capítulo 2 do Gênesis, versículos 18 e 19, foram criados para fazer companhia ao ser humano.

Vem, naturalmente, a pergunta: Quem está certo, o primeiro ou o segundo capítulo do Gênesis? Quem, segundo a Bíblia, não segundo Darwin, foi criado primeiro?

Solução

A Bíblia não quer discutir com Darwin ou com qualquer cientista. A Bíblia quer apenas dar-nos uma resposta de fé para a vida e as situações concretas. Só isso.

O livro do Gênesis reúne, em um só, escritos de épocas diferentes com problemas diferentes, para os quais as respostas da fé têm de ser diferentes.

Assim é que o primeiro capítulo com mais 3 versículos e meio do capítulo 2 (2,1-4a) é do tempo do exílio da Babilônia, cerca de 500 anos antes de Cristo. O capítulo 2 a partir da segunda parte do versículo 4 (4b) é um texto bem mais antigo. É da época do rei Salomão (mais de 930 anos antes de Cristo).

O escrito mais antigo, que chama a Deus de Javé ou SENHOR, reflete a era de progresso atribuída ao tempo do rei Salomão. Começava a idade do ferro. Era próprio da época a exaltação da capacidade humana. Com o progresso no uso do ferro, o homem se considerava capaz de fazer de tudo. Sem o homem, nada feito. O homem é o centro do universo, tudo existe para ele e por ele. Por isso, segundo esse relato, o SENHOR criou primeiro o homem como centro da criação, tudo é feito para ele e nada existe sem ele. Apesar de tudo, porém, o homem nada tem de divino, é feito do barro da terra (vers. 7).

O escrito do tempo do exílio está colocado no primeiro capítulo do livro do Gênesis, mas foi composto quase 500 anos depois do escrito mais antigo, que está no capítulo 2. Ele já não chama a Deus de Javé ou SENHOR, diz apenas “Deus”.

O povo da fé bíblica enfrenta outra situação. Estava escravizado no exílio da Babilônia e obrigado a trabalhar sem descanso. Não havia qualquer respeito pelas suas antigas tradições, especialmente a do sábado, um dia de descanso após de seis dias de trabalho. Por isso, nessa narrativa da criação, Deus trabalha seis dias e descansa no sétimo.

Essa narrativa não foi invenção do autor bíblico, foi adaptação de estórias da criação encontradas na Babilônia. Significativas são as diferenças. Na Babilônia a criação é resultado de luta entre os deuses. Aqui Deus é absoluto, diz e as coisas acontecem.

Os persas, que agora dominam a Babilônia, falam em demônios ou deuses maus, que criaram a matéria. Aqui Deus vê que tudo é bom, muito bom.

O sol, a lua e as estrelas lá são deuses, aqui são criados por Deus para servir ao homem, marcar as datas das festas. Lá deuses são cultuados em inúmeras imagens, aqui imagem de Deus é o ser humano, homem e mulher. Ele é a criatura mais perfeita, tem de ser criado por último, no topo de tudo, no sexto dia.

O ser humano é o centro do universo, tudo é criado para ele, nada existe sem ele, ele é o primeiro a ser criado. O ser humano é a criatura mais perfeita, imagem de Deus, por isso é o último a ser criado.

Onde está a contradição?

2. **MULHER, COSTELA DO HOMEM OU CRIADA COM ELE?**

É bastante conhecida a estória que se encontra nos versículos 21 a 24 do capítulo 2 do livro do Gênesis: O SENHOR anestesiou o homem, tirou-lhe uma costela e dela fez a mulher. A mulher teria sido criada, então, depois, bem depois do homem, que se encontrava sem companhia no jardim do paraíso. E teria sido tirada do corpo do homem, parte de suas costelas.

O mesmo livro do Gênesis, porém, no seu capítulo primeiro, versículo 27, diz que, no sexto dia, Deus criou o ser humano homem e mulher e que os criou à sua imagem. E, sem mais, logo em seguida manda que se multipliquem e encham a terra de gente.

E, aí, vem a pergunta: Deus criou a mulher de um pedaço do homem e para ser sua companheira, ou já criou o ser humano masculino e feminino para que a humanidade se multiplicasse e enchesse a terra? Onde está a verdade?

Solução

O livro do Gênesis juntou escritos de épocas e situações diferentes. A verdade da Bíblia não é a verdade histórica ou científica, é a verdade de uma visão de fé sobre realidades e situações diferentes. Usa para isso estórias e lendas que correm na época e no lugar onde os textos são escritos.

A criação da mulher tirada da costela do homem para que ele tivesse uma companheira do seu nível, faz parte do escrito composto no tempo do rei Salomão. Para se dar bem na política interna Salomão teve uma esposa das tribos de Judá e outra das tribos de Israel. Em função da política externa, casou-se com uma filha do faraó, o rei do Egito. Para conseguir bons acordos comerciais, casou-se também com uma filha do rei de Tiro. As quatro rainhas esposas foram utilizadas na sustentação do seu poder.

Mulher não tinha qualquer valor. Isso é antigo. Na formulação mesma dos mandamentos (veja no livro do Êxodo capítulo 20, versículo 17) a mulher é um pertence do homem como casa, animais e escravos.

Nessa estória a coisa é outra. O ser humano (Adão quer dizer ser humano) está sozinho e Deus cria os animais domésticos e selvagens para que lhe sirvam de companhia. O ser humano dá nome, é o dono de tudo e de todos. Continua, porém, sozinho. A relação de poder cria solidão. Aí entra a antiga lenda da divisão do ser humano em mulher e homem (em hebraico *ichá* e *ich*). “Agora, sim, é osso de meus ossos, carne de minha carne”, “por isso os dois serão uma só carne”. Casamento é a oportunidade de uma mulher e um homem buscarem refazer a unidade primitiva, se completarem, voltarem a ser “uma só carne”.

O outro escrito é da época do exílio da Babilônia. A Terra Deliciosa estava abandonada e vazia, grande parte da população tinha morrido na guerra e outra grande parte fora levada para a Babilônia. “De uma terra deliciosa fizeram um deserto” dizia, então, o profeta Zacarias (7,14). O sonho era voltar para a Terra, ocupá-la, cultivá-la, enchê-la de gente. Imagine os primeiros leitores deste escrito: Quando o texto diz que Deus criou o ser humano com sexos diferentes e mandou que se multiplicasse, enchesse e dominasse a terra, isso era o sonho que queriam ver realizado na sua pátria!

Sua religião era de um Deus bom, único e sem imagens. Na Babilônia só lhes ofereciam, em inúmeras imagens e semelhanças, deuses bons e, ao lado, deuses maus ou demônios, os verdadeiros criadores da matéria. Deus é único, bom, vê que é bom tudo o que criou, inclusive o ser humano sexuado, “muito bom”. Imagem e semelhança de Deus não é uma estátua, é o ser humano, mulher e homem. “E ele os criou à sua imagem, homem e mulher os criou” “e Deus viu que era muito bom!”.

A mulher não é propriedade, é a outra metade do homem e os dois devem formar um só. Mulher e homem é coisa boa, é imagem de Deus e permite que o ser humano tenha filhos, preserve a espécie, ocupe os espaços.

Onde está a contradição?

3. **COBRA JÁ TEVE PERNAS?**

No capítulo 3 do livro do Gênesis temos, nos versículos 14 e 15, a maldição da serpente. Deus diz, então, que a cobra será o mais amaldiçoado dos animais silvestres e que, assim, passará a andar arrastando-se sobre o ventre. Antes dessa maldição cobra tinha pernas? Diz ainda que ela comerá o pó do chão, coisa que não acontece. Depois fala da hostilidade entre a cobra e a humanidade. Não diz que ela ficará muda. Ou será que cobra ainda fala? Antes parece que falava, pois conversou com Eva. Onde está a verdade?

Solução

A narrativa da entrada do pecado no mundo é do tempo de Salomão, o rei poderoso que, escravizando ou deixando em extrema pobreza a grande maioria da população, ajuntou riqueza fabulosa e teve também todas as mulheres que quis.

Havia muitas lendas antigas envolvendo serpentes ou cobras. Este réptil, aliás, provoca muita curiosidade, verdadeira atração mesmo, pelo seu mistério. Em religiões antigas chegava a ser representação de divindades. Entre outras, havia a lenda de um semideus que queria tornar-se imortal para ser definitivamente deus. Ele conseguiu a planta da imortalidade, mas quando voltava para casa, descuidou-se e a serpente furtou-lhe a planta. Ele, então, tornou-se definitivamente mortal.

Nesta narração do Gênesis a serpente é sem dúvida uma criatura de Deus. Sabida, esperta, enganadora com sua língua dupla, mas criatura de Deus. O ser humano está sujeito a tentações. E quando cai na tentação de colocar a esperteza e a competição como norma suprema, a ponto de pretender ser igual a Deus, até de competir com o próprio Deus, destrói a felicidade, perde o paraíso.

A serpente é lembrança de tudo isso. Semelhante ao medo que ela provoca, assim a humanidade deveria temer a tentação de competir até uns tornarem-se senhores absolutos como Deus. Na época não se sabia que a cobra se alimenta de animais menores e faz parte do equilíbrio ecológico, imaginava-se que comia terra. Comer terra e arrastar-se no chão parecem o que há de mais humilhante. Deus quer que a língua dupla da esperteza e da competição, da vaidade e do orgulho humanos, andem de rastro e comendo poeira.

Mas a cobra conversou com Eva? Creio não ser necessário discutir. Qual o significado de a serpente falar? A língua dupla. Ela tem a extremidade da língua dividida em duas, por isso também é chamada de o mais esperto dos animais silvestres criados por Deus. Ela representa a fala dos espertos, dos matreiros, que com sua língua dupla soltam o veneno e se escondem.

Essa conversa enganadora, porém, não precisa estar fora da pessoa, pode estar dentro, pode ser a idéia de competir e vencer, de ser o mais esperto, pode ser a voz do próprio orgulho e da própria vaidade. E quem disse que essa serpente não fala mais?

Essas coisas, mesmo que falem alto e forte, não devem mesmo andar de rastro e comer poeira?

Onde está a contradição?

4.

COM QUEM SE CASOU CAIM?

Essa é a primeira “pergunta embaraçosa” que sempre se faz a respeito da Bíblia. É a primeira contradição que, ao contato um pouco mais intenso com a Bíblia, desperta a curiosidade das pessoas. Diz o livro do Gênesis que Adão e Eva tiveram dois filhos, Caim e Abel. Caim matou Abel. Pouco depois diz o Gênesis que Caim se casou, teve filhos e filhas e fundou uma cidade! Como? Com quem se casou, gerou filhos e começou uma cidade?

Solução

A Bíblia não é um livro de história. A verdade da Bíblia não é a verdade histórica. Essas histórias dos 11 primeiros capítulos do livro do Gênesis não se baseiam em tradições de origem histórica, nada têm de histórico a não ser que a humanidade teve um começo e viveu muitas peripécias.

Os autores desses capítulos da Bíblia nem se preocupam em fazer que sua história seja aceitável, sem incoerências. Assim é que o autor desta parte, escrita no tempo do rei Salomão, não se preocupou em dizer onde Caim teria arranjado uma esposa.

Qual, então, o significado de Caim se casar, criar filhos e fundar cidades? Abel e Caim representam dois mundos, duas tendências que tiveram seu momento de dificuldades e conflitos: O nomadismo e a sedentarização.

Abel, pastor de ovelhas, representa os nômades do início da civilização. Cuidar de rebanhos foi uma das primeiras atividades do homem. Nesta primeira fase da civilização não havia casas nem cidades, pois não havia agricultura, muito menos indústria, comércio e serviços. Não havia propriedade de terras, muito menos cercas. Os pastores moravam em barracas e eram nômades, viviam mudando de um lugar para outro, à procura de melhor pastagem para seu gado. Abel representa o povo nômade e pastor.

A vida nômade, em barracas, lembrava, além do mais, o tempo em que o povo da Bíblia viveu acampado no deserto, antes de invadir as terras de Canaã. Foi a juventude do povo de Deus, o tempo do seu noivado com Javé, os tempos do primeiro

amor, da fidelidade inquebrantável. Abel representa a insegurança e a fidelidade a Deus da vida nômade.

Caim já representa a cidade. A agricultura faz a sociedade se sedentarizar, morar no mesmo lugar e construir casas. O cultivo da terra fixa as pessoas e lança as bases para a indústria. O som do nome Caim lembra o do martelo batendo na bigorna, o mesmo som produzido pela araponga ou ferreiro. O nome de seus descendentes (Gn 4,17) corresponde à profissão de cada um: Condutor ou pastor, músico, ferreiro. Da descendente mulher, irmã do industrial (o ferreiro), não se diz qual a profissão, só se diz o nome, Noema, que significa atraente, agradável, prazerosa. Caim foi o pai dos condutores de rebanhos, dos músicos, dos industriais e das prostitutas, o pai da nova civilização.

Quando se escrevem estas estórias, estamos na euforia do progresso trazido pela idade do ferro. O que se vê, porém, é a violência, a brutalidade da cidade, é Lamec, descendente de Caim falando em assassinato e vingança, é a destruição da antiga igualdade, cada qual na sua tenda cuidando de seu rebanho ou debaixo de sua videira e de sua figueira.

Javé não se agrada disso. Ele quer a sinceridade, a honestidade, a solidariedade, a fidelidade do tempo quando o povo vivia acampado no deserto. Ele se agrada do sacrifício do pastor e nômade Abel, não do fundador de cidades, Caim.

Interessa saber com quem Caim se casou?

5. FOI DEUS OU FOI SATANÁS?

O rei Davi certa vez resolveu fazer um recenseamento, sem dúvida, para melhorar a arrecadação de impostos. Aconteceu, porém, uma epidemia pouco após o recenseamento. Em dois lugares a Bíblia conta o episódio, no segundo livro de Samuel e no primeiro livro das Crônicas.

Há, porém, uma grande diferença de interpretação dos fatos nos dois livros. 2Samuel capítulo 24 diz que foi a ira do SENHOR ou de Javé que induziu Davi a fazer o recenseamento. O capítulo 21 do livro das Crônicas, porém, diz que foi Satanás quem levou Davi a fazer o recenseamento. Um livro da Bíblia, portanto, diz que foi Deus, outro diz que foi o diabo. Como ficamos? Quem tentou Davi para que fizesse o recenseamento, foi a ira de Javé ou foi Satanás? Deus induz alguém a cometer um erro?

Solução

Os dois escritos, um do outro, têm uma distância pequena no tempo, mas muito grande na maneira de pensar. No tempo, a distância é de cerca de 100 anos não muito mais. A diferença de mentalidade, porém, é consequência do que aconteceu nos 50 anos de exílio na Babilônia e no início do período persa. Nessa época o povo da Bíblia esteve em contato com uma cultura diferente e dela acabou assimilando muita coisa.

O livro de Samuel é mais antigo, é do início do exílio. Faz parte de um bloco de livros da mesma origem do livro do Deuteronômio e dele tem a mesma mentalidade.

Javé, ou o SENHOR, é absoluto e único. Tudo o que acontece é feito por ele. Outra força não existe. Assim, se Davi fez o recenseamento, isso foi uma coisa má e o povo não gostou, significa que foi o próprio Javé, não com seu amor fiel, mas com sua ira, quem induziu Davi a fazer o tal recenseamento. O recenseamento é considerado um pecado, porque significa uma pretensão de verificar e medir a ação de Deus na multiplicação do povo. Epidemia é o castigo mais apropriado para esse tipo de pecado. Tudo acontecendo, porém, por força da ira de Javé, única força existente.

Já o livro das Crônicas é da tentativa de reorganização do povo depois do exílio. A influência da cultura persa deixou marca: Nessa cultura, além dos deuses bons, existem as forças do mal, os deuses maus ou demônios.

Na língua hebraica satã ou satanás significa o opositor, quem se põe na frente para impedir o caminho. Assim é que, no capítulo 22 do livro dos Números, versículos 22 e seguintes, o anjo de Javé, uma espécie de xerox do próprio Javé, a fazer as vezes do SENHOR invisível, é, no original hebraico, o satã de Balaão.

Satã era também o acusador, o adversário numa disputa judicial. No início do livro de Jó, ele faz parte da corte de Deus, está presente numa reunião dos ministros de Deus, ele é como que o procurador geral da república, o encarregado das acusações. Para poder acusar, ele provoca, ele tenta. Com o correr do tempo, porém, passa a ser o inimigo por excelência, encarnação das forças do mal.

A idéia de uma força superior que se opõe ao Deus bom, justo e fiel ajudou a evitar se atribuir a esse Deus a iniciativa do mal.

Deus é único e absoluto, não existe outra força superior ao homem que possa competir com ele, tudo acontece sob seu domínio, inclusive os maiores absurdos que a liberdade humana consente ao homem realizar (Livro de Samuel). Por outro lado o mal exerce uma atração e um fascínio quase irresistíveis sobre os seres humanos. Parece haver um ser superior e pessoal (satanás) a induzir as pessoas ao erro (Crônicas).

Onde está a contradição?

6.

ONDE JESUS SE DESPEDIU?

Segundo Lucas, autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, a última aparição do Ressuscitado, a chamada Ascensão do Senhor, deu-se nas vizinhanças de Jerusalém. No Evangelho ele diz que Jesus levou os discípulos para fora da cidade até perto de Betânia, nos Atos dos Apóstolos diz que os discípulos estavam no Monte das Oliveiras. É o final do Evangelho e o início dos Atos dos Apóstolos.

Segundo Mateus, contudo, a última aparição, quando Jesus envia os discípulos pelo mundo inteiro, deu-se na Galiléia, na montanha que ele tinha indicado. Final do Evangelho Mateus.

Lucas tem 2 versões: o local da Ascensão no Evangelho foi Betânia, nos Atos dos Apóstolos foi o Monte das Oliveiras. Segundo Mateus, porém, o local da última aparição foi a Galiléia, a região da Palestina mais distante de Jerusalém.

Onde, então, Jesus se despediu dos Apóstolos? Nas vizinhanças de Jerusalém ou na distante Galiléia?

Solução

A verdade da Bíblia não é a verdade histórica ou científica. Segundo recente documento do Vaticano (Pontifícia Comissão Bíblica) é o maior erro identificar os relatos dos Evangelhos atuais, com a etapa inicial, os atos e palavras de Jesus. Uma coisa é o que Jesus fez e falou (1), outra o que os primeiros discípulos contaram (2), outra os primeiros escritos (3), outra, a quarta etapa, os Evangelhos atuais (Veja essas quatro etapas em Lucas 1,1-4). É o maior erro achar que o que os 4 Evangelistas escreveram é exatamente o que aconteceu. Fosse assim, os quatro deveriam escrever os mesmos episódios com os mesmos detalhes.

A verdade da Bíblia é a mensagem de fé que cada história, cada poema, cada reflexão ou comentário, cada sermão que ali se encontra quer passar. E cada qual passa uma mensagem diferente, mas todas válidas e apropriadas para diferentes situações de vida.

Para o Evangelista Lucas, “não convém que um profeta morra fora de Jerusalém”. Para ele Jerusalém é o centro. Em Jerusalém, no Templo, começa o seu Evangelho com o anúncio do nascimento de João Batista e em Jerusalém termina, com os discípulos voltando ao Templo. Eles estavam em Betânia, de onde, no domingo de ramos, Jesus partiu para a entrada triunfal como Messias. Jesus desapareceu, sim, mas agora eles fazem o mesmo trajeto, sabendo que ele está com eles, e voltam ao Templo, onde tudo principiou, para que, daí, a mensagem do Messias comece a se espalhar.

O livro dos Atos dos Apóstolos é continuação do Evangelho. Começa em Jerusalém e de Jerusalém parte a pregação do cristianismo até chegar até os confins do mundo. O livro termina em Roma, o outro extremo do mundo conhecido, a capital do grande Império. Depois que Jesus desaparece por trás da nuvem, do Monte das Oliveiras, onde começara a paixão, os discípulos voltam para a casa da Última Ceia, a memória da Paixão, onde ficam reunidos a sós com Maria, aguardando serem revestidos do alto pelo Espírito que os enviaria pelo mundo.

Para Lucas não existe contradição em dizer que os discípulos estiveram com Jesus visível pela última vez no lugar onde ele começou a paixão ou no lugar de onde saiu para a entrada triunfal na cidade! Cada coisa tem seu valor e seu significado.

Para Mateus, nada de Jerusalém. Jerusalém para Mateus é a cidade inimiga de Jesus, de lá saíram os rabinos fariseus que hoje são inimigos dos cristãos. Jerusalém para Mateus representa o poder, a grandeza. Jerusalém nada significa de bom. Lá é que Jesus foi morto.

A Galiléia, sim, terra de Jesus, terra de gente humilde, é lugar onde Jesus se manifesta. Aí ele começa sua missão, daí ele envia os discípulos, da montanha onde anunciou as Bem-aventuranças, da montanha onde revelou sua glória. Para Mateus só podia ser na Galiléia e na montanha o último encontro dos discípulos com Jesus. Seria falta de coerência Mateus colocar esse encontro final em Jerusalém.

7.

POBRES, DEVE HAVER OU NÃO?

Os Evangelhos de Marcos (14,3-9), de Mateus (26,6-13) e de João (12,1-8) falam de uma mulher que derramou nos pés de Jesus um perfume caríssimo. Respondendo à crítica dos discípulos ou de Judas, afirmando que o valor daquele perfume poderia ser dado aos pobres, Jesus disse: “Pobres sempre tereis convosco!” Daí, muita gente acha que o cristão não deve se preocupar com a pobreza no mundo. É isso mesmo?

Mais. As palavras de Jesus são tomadas do livro do Deuteronômio, capítulo 15, versículo 11: “Nunca deixará de haver pobres na Terra”. No versículo 4 do mesmo capítulo, porém, diz: “É verdade que em teu meio não haverá nenhum pobre”. No versículo 7 diz: “Quando houver um pobre no teu meio, seja um só dos teus irmãos,”. Como ficamos: É para haver pobres? Muitos? Poucos? Ou não deve haver?

Solução

Nos Evangelhos a palavra de Jesus significa apenas que logo depois de sua morte os pobres continuariam no mundo, só ele ia morrer. Marcos fala claro: Vocês estão querendo ajudar os pobres? Podem ajudar, eles continuam aí! E João desmascara Judas: Ele se interessava pelos pobres, coisa nenhuma! Queria era pôr a mão naquele dinheiro... Além disso, podemos ver nas palavras de Jesus nos Evangelhos, que ele está presente no pobre. Aquela foi a vez da mulher, depois virá a vez dos discípulos prestarem serviço a Jesus nos pobres (Mt 25,31-46).

A palavra que os evangelhos colocam nos lábios de Jesus foi tomada do Deuteronômio. Ali a coisa parece meio confusa: primeiro não haverá pobres, depois pode ser que haja um ou outro, por fim sempre haverá pobres.

É simples. Basta ler os outros versículos do trecho. Está falando do ano do jubileu ou do ano sabático. Fala do perdão das dívidas, proíbe a agiotagem contra os compatriotas e afirma que no povo de Deus não haverá pobres. Só há uma condição: “que você de fato obedeça à voz de Javé teu Deus, cuidando de pôr em prática todos os mandamentos”. Os mandamentos, então, não visam a regular o comportamento individual das pessoas, mas a criar uma sociedade onde não haja pobres! (versículo 5)

Então não será preciso a gente se preocupar com pobres? Não, algum pobre haverá. Mas tu não lhe deves fechar a mão, nem ficar com medo de lhe emprestar o que precisa às vésperas do ano do perdão das dívidas (versículos 7 a 10).

Sendo mais realistas ainda, pobres sempre haverá. A lei de Deus nunca será posta em prática em toda a sua verdade e extensão, pobres sempre haverá, porque esperteza, injustiça e opressão sempre há de haver. É bom lembrar que pobre nunca há de faltar e, por isso, tua mão nunca se há de fechar! (versículo 11)

Não deve haver pobres, mas pobres sempre haverá.

A não ser na vida prática de muitos cristãos, onde está a contradição?

8.

JESUS QUERIA VER TODOS EMBRIAGADOS?

O Evangelho de João fala de uma festa de casamento onde a Mãe de Jesus estava e para a qual Jesus fora convidado na companhia dos discípulos. O casamento acontecia numa aldeia da Galiléia chamada Caná ou Conquista. Pois bem, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe fala. Ele diz que sua hora não chegou, mas manda encher de água as seis talhas de pedra que estavam ali depositadas. Cada talha cabia mais de cem litros. Encheram as seis talhas até a boca e a água virou vinho.

Quantas pessoas estariam na festa de casamento de uma aldeia da Palestina no tempo de Jesus? Pois bem, os convidados já estavam meio “sapecados” e Jesus lhes arranja mais seiscentos litros de vinho. Queria ver todos caindo de bêbados, não?!

Solução

O episódio é todo simbólico e, por isso, numa leitura literal e ingênua é cheio de contradições. O casamento em Conquista significa a passagem da Primeira Aliança para a Nova Aliança que vai se realizar na Cruz e aqui já dá um primeiro sinal.

A fartura de vinho lembra a fartura dos tempos do Messias esperado (Is 25,6 e Is 55,1).

É curioso que seis talhas de pedra dos ritos de purificação dos judeus estejam depositadas, sem uso, numa casa particular, no meio de uma festa. Pedra lembra as tábuas de pedra das antigas leis dadas por Moisés. Frias e de pedra, agora estavam transformadas em rituais de purificação. Tudo era pecado ou estava envolvido em pecado, carecia de purificações e mais purificações. Ânimo, força interior, espírito não tinham. Uma água! Vinho não tinham.

Por que seis? Sete é o número da plenitude, da totalidade. Falta um para estar completo. Falta alguma coisa na Lei Antiga, representada pelas talhas já fora de uso, simplesmente depositadas ali naquele casamento, a Primeira Aliança.

Mas Jesus é judeu, é filho da Primeira Aliança. Ela pode não ser totalmente completa, mas é a mãe de Jesus. Por isso estava naquele casamento, onde Jesus comparece como convidado acompanhado dos discípulos. A mãe de Jesus não concorda com a situação atual de leis frias e vazias, reduzidas a pecados e rituais de purificação. Ela diz, falando dos que agora comandam o povo da Primeira Aliança: “Eles não têm vinho!”

Ela vai se tornar a esposa, a “mulher” da Nova Aliança. A hora de Jesus ainda não chegou, aqui é apenas um sinal, mas ela é capaz de dizer aos que prestam serviço: “Fazei tudo o que ele mandar!” Aqui começa a Nova Lei!

A Primeira Aliança tem o seu valor. As talhas de pedra são só seis, mas, cheias até à boca podem alcançar a perfeição, a totalidade. A velha água se muda em vinho novo, muito melhor do que o antigo.

Aí o encarregado do serviço, um empregado, manda chamar o patrão, o noivo, para passar-lhe um pito! Sim, os chefes da antiga lei não gostam da mudança da água

em vinho. Reclamam de Jesus, o noivo deste novo casamento, a Nova Aliança, que guardou para o fim o vinho muito melhor do que o antigo.

O Evangelista está dizendo que Jesus queria VER a aldeia inteira embriagada?

9. DA MONTANHA OU DA PLANÍCIE?

É muito comum as pessoas, mesmo não cristãs, citarem o Sermão da Montanha. Trata-se dos capítulos 5-7 do Evangelho de Mateus onde se apresenta o projeto de Jesus, suas falas principais a enquadrar toda uma proposta de vida. Segundo Mateus, Jesus viu as multidões se aproximarem, subiu à montanha, sentou-se, os discípulos o rodearam e ele pronunciou o célebre sermão. Quem visitou a Palestina, sem dúvida, foi ao Monte das Bem-aventuranças, assim chamado porque é com as bem-aventuranças que começa o Sermão da Montanha.

A dificuldade é que no capítulo 6 do Evangelho de Lucas temos o núcleo do mesmo sermão, iniciado também com as bem-aventuranças, com a diferença, porém, de local. O Evangelista diz que Jesus desceu da montanha e pronunciou o sermão depois de chegar à planície.

Em que lugar, então Jesus terá apresentado este seu programa de vida tão exigente e radical? Na montanha ou na planície?

Solução

O documento da Pontifícia Comissão Bíblica de abril de 1993, diz que não podemos confundir “ingenuamente o estágio final da tradição evangélica (os Evangelhos escritos) com o estágio inicial (as ações e palavras do Jesus da história)”. Primeiro Jesus fez e falou, depois os discípulos contaram suas ações e palavras, mais tarde várias pessoas passaram por escrito o que tinham ouvido contar, por fim o Evangelista juntou esses escritos dispersos e escreveu um Evangelho completo. Veja essas etapas ou estágios nos primeiros 4 versículos do capítulo primeiro do Evangelho de Lucas.

Cada Evangelista tem um motivo para colocar o sermão programático de Jesus num lugar.

Mateus representa uma comunidade de cristãos judeus, que quer conquistar outros judeus para a fé cristã. Jesus é, então, o novo Moisés, o maior mestre de Israel, que ensina. Quem ensina está sentado, Jesus se senta na montanha, que lembra o Monte Sinai, de onde Moisés ensinou a Lei de Deus. O sermão programático de Jesus é a Nova

Lei da Nova Aliança. Ele a ensina aos discípulos e estes a todo o povo, as multidões de doentes e sofredores que o acompanham (Mt 4,23-25), ele sentado na montanha, rodeado pelos discípulos. E quando termina, as multidões reconhecem que ele tem mais autoridade do que aqueles que hoje se sentam na cadeira de Moisés (7,28-29 e 23,2).

Já em Lucas a montanha é o lugar do encontro com Deus, o lugar da oração. No clima de oração da montanha Jesus organiza os seus discípulos (Lc 6,12-16). Mas ele não veio retirar os discípulos do mundo, ao contrário, ele os preparou, na convivência com Deus na montanha, para descer à planície dos sofrimentos e misérias humanas, para descer e oferecer uma salvação à humanidade. Por isso, seu sermão é pronunciado na planície, na arena do embate cotidiano, não na montanha, lugar privilegiado do encontro com Deus.

O sermão de Mateus é mais longo, precisa comparar a Lei de Jesus com a Lei antiga, a de Moisés, interpretada pelos rabinos judeus. O de Lucas é bem mais breve, não registra o que é próprio dos judeus.

Na montanha as palavras de Jesus são a Nova Lei, na planície são oferta de salvação objetiva e concreta à humanidade sofredora. Foi na montanha ou na planície que ele falou?

10.

MOISÉS ESCREVEU COMO FOI A SUA MORTE?

Os cinco primeiros livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) são chamados no Novo Testamento, de Lei de Moisés ou simplesmente Moisés. Os cinco livros fundamentais da constituição do povo hebreu são atribuídos ao principal líder desse povo.

Daí, durante muito tempo se pensou que Moisés literalmente tenha escrito os cinco livros. Hoje muitos ainda os chamam de livros de Moisés, imaginando que nos quarenta anos de caminhada no deserto, 1200 anos antes de Cristo, sem computador, sem máquina de escrever, sem caneta esferográfica, sem caneta tinteiro, sem pacotes de sulfite ou de cadernos universitários, com os recursos que poderia ter no deserto, Moisés mesmo escreveu a grande obra.

Se assim é, leia o último capítulo do Quinto Livro de Moisés ou Deuteronômio. Ali se conta a morte e o sepultamento de Moisés. Foi ele mesmo quem escreveu?

Solução

É evidente que não poderia Moisés contar a própria morte. Seria exigir milagre demais.

Os “Livros de Moisés”, se a gente calcular desde as mais antigas tradições orais até os últimos retoques de redação, demoraram setecentos anos ou mais até serem concluídos. Foram escritos em mutirão, com a colaboração de muita gente que viveu e lutou movida pela fé, que descobriu coisas novas, que interpretou mais de uma vez e de maneira diferente as antigas tradições, que guardou e passou adiante as histórias contadas de boca em boca, que juntou as tradições ou escritos esparsos e montou enfim os livros como os temos hoje.

Algumas tradições se distanciam no tempo e chegam bem perto de Moisés. É o caso do Cântico de Maria que se encontra no capítulo 15 do livro do Êxodo, os Mandamentos (capítulo 20) e o Código da Aliança (21-23 do Êxodo). Outras partes são bem mais recentes. É o caso da primeira estória da criação, primeiro capítulo do Gênesis. É de oitocentos anos depois de Moisés.

O Deuterônomo, que conta a morte de Moisés, foi escrito setecentos anos depois dele, às vésperas ou no início do exílio da Babilônia. Não é preciso que tenha sido escrito por ele. Mas quando coloca toda a sua legislação e todos os seus comentários nos lábios de Moisés, tem razão. Tudo tem realmente a sua raiz em Moisés. Ele iniciou a organização do povo em bases de fé religiosa para se construir uma sociedade sem opressores e oprimidos, sem privilegiados e escravos, diferente da que havia no Egito. Se hoje o povo vive uma vida infeliz, se perdeu o paraíso que era sua terra, é porque foi infiel à Aliança, afastou-se dos mandamentos dados por Moisés. Esses Mandamentos é que haveriam de trazer a felicidade para o povo.

Moisés em nome de Deus liderou um grupo de Sem-Terras que fugiu da escravidão do Egito, ficou acampado numa região de deserto, buscando a Deus e preparando-se para viver uma sociedade diferente, fundada na igualdade e na solidariedade, não no privilégio e na opressão. Depois de quarenta anos de acampamento, de aprendizado da solidariedade e de experiência de Deus, o grupo conseguiu “invadir” ou ocupar as terras de Canaã. Mas Moisés, o grande líder que começara tudo, morreu antes, não entrou na posse da Terra.

Por que ele não se sentou diante de um computador ou de uma máquina de escrever, não tomou pena e pergaminho para escrever, só por isso, não foi ele quem escreveu toda essa história, deixou toda essa instrução? E dizer que ele escreveu, significa dizer que ele descreveu em detalhes até a própria morte e sepultamento?

Onde está a contradição?

11.

MARIA PENSOU QUE JESUS ESTAVA LOUCO?

Diz o Evangelho de Marcos no capítulo 3, versos 20 e 21 que os familiares de Jesus, sabendo do seu modo de viver, foram agarrá-lo, porque pensavam que ele estivesse louco. E no verso 31 diz: “Chegaram, então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo”.

Dá a entender que Maria, mãe de Jesus, chamou os familiares todos e foram juntos pegar Jesus porque ele estava louco. Nossa Senhora achou que seu filho Jesus estava louco? É demais, não?

Solução

Acontece que, de acordo com o recente Documento da Pontifícia Comissão Bíblica está errado quem “confunde ingenuamente o estágio final da tradição evangélica (os Evangelhos escritos) com o estágio inicial (os acontecimentos em torno do Jesus histórico)”. Quer dizer que o que contam os Evangelhos não confere tal e qual com o

que de fato aconteceu. O que eles contam é, em primeiro lugar, símbolo do que estava acontecendo quando o Evangelho foi escrito. Evangelho não é inquérito policial, que tem de apurar tintim por tintim o que aconteceu.

Quando o Evangelho de Marcos foi escrito, muitas pessoas do mesmo povo e da mesma religião de Jesus, seus familiares, não aceitavam o que ele fez e ensinou. Achavam loucura dizer que Jesus era o Messias. Preferiam acreditar nos fanáticos que faziam a revolução contra Roma. Um crucificado é um amaldiçoado por Deus segundo o livro do Deuteronômio (Dt 21,22-23). Messias crucificado é loucura.

Cada Evangelho é menos uma janela por onde se vê tudo o que Jesus fez e muito mais um espelho da comunidade onde foi escrito. Assim, aqui, “a mãe e os irmãos de Jesus” representam o seu povo, a sua gente, a nação e a religião de quem ele era filho. Eles achavam loucura acreditar em Jesus.

Jesus está em casa, que simboliza o lugar da comunidade, rodeado de uma turma, a sua comunidade. “A mãe e os irmãos de Jesus” ficam de fora, não querem entrar, não querem tornar-se discípulos dele.

Mandam chamá-lo. A resposta de Jesus nos dá força: “Quem são minha mãe e meus irmãos? Não são os que ficam do lado de fora, mesmo que sejam meus conterrâneos e até meus parentes, são estes aqui, os que fazem a vontade de Deus”.

E será que Maria, mãe de Jesus, Nossa Senhora, ficou do lado de fora, não se tornou discípula, não fez a vontade de Deus? Não disse: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”?

12.

A QUE HORAS JESUS FOI CRUCIFICADO?

O Evangelho segundo Marcos diz no capítulo 15, verso 25: “Eram nove horas da manhã quando crucificaram Jesus”. O Evangelho segundo João, porém, no capítulo 19 verso 14 diz: “Era véspera da Páscoa, por volta do meio dia. Pilatos disse:...”. E no 16: “Então, finalmente, Pilatos entregou Jesus a eles para que fosse crucificado”.

Segundo Marcos, às nove horas Jesus foi crucificado, segundo João, ao meio dia Pilatos ainda não tinha decidido entregá-lo à morte. A que horas, então, Jesus foi crucificado: às nove ou depois do meio dia? Como explicar essa contradição?

Solução

Sabemos que os Evangelhos não são uma reportagem ou um inquérito policial e que sua verdade não pode ser confundida com a exatidão histórica dos detalhes. Os Evangelhos estão mais preocupados em dizer-nos quem é Jesus do que em contar minuciosamente tudo o que aconteceu. Não querem satisfazer a nossa **curiosidade**, querem alimentar a nossa **fé**.

Marcos divide o tempo que Jesus ficou na cruz pelas horas importantes de oração dos judeus: Na terceira hora (nove da manhã) é crucificado, na sexta (meio dia) a escuridão cobre a terra e na nona (três da tarde) ele morre. Esta, a sua oração daquele dia.

João está interessado em dizer que Jesus é o novo Cordeiro Pascal. Na festa da Páscoa, comendo a carne de um cordeiro de um ano, sem defeito, os judeus celebram sua libertação da escravidão do Egito. Segundo a tradição conservada no livro do Êxodo, o sangue do cordeiro, passado nos portais das casas dos hebreus, evitou que a peste lhes matasse os filhos, permitindo, assim, que escapassem da escravidão enquanto os egípcios choravam a morte dos seus filhos. Jesus, segundo João, é o novo cordeiro da Páscoa, cujo sangue nos livra da nova escravidão.

E depois do meio dia era a hora de se matar o cordeiro para a Ceia Pascal. Se Jesus é esse cordeiro, “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, só pode ser entregue à morte depois do meio dia. O Evangelho de João não poderia dizer outra coisa.

O sangue do primeiro cordeiro salvou os israelitas da peste e da escravidão do Egito. Hoje a escravidão está globalizada, porque a peste da ganância e da lei do mais forte estão globalizadas. A raiz da nova escravidão, o pecado do mundo, é o ser humano querer ser igual a Deus, superior a todos e dono de tudo. É a ganância e o orgulho. É o interesse próprio e o espírito de competição a governarem o mundo. O mundo é dos espertos e ai dos inocentes! A vantagem é dos competentes e ai dos incompetentes! A vitória é dos que podem mais e ai dos vencidos! A água é dos lobos e ai dos cordeiros!

Jesus é o cordeiro, não é leão nem lobo, que tira o pecado do mundo, que tira a lei do mais forte. É o cordeiro que não procura o próprio interesse, mas dá a vida em favor dos outros. É o cordeiro inferior a todos, crucificado como o pior dos bandidos. É o cordeiro sacrificado e de pé (Ap 5,6). Alguém tinha que fazer isso, senão a humanidade continuaria sendo, sem saída, a fornalha da escravidão.

Por isso em João a decisão de matar Jesus só poderia ser tomada depois do meio dia, hora de se sacrificar o Cordeiro Pascal.

Interessa saber a hora exata da crucifixão de Jesus?

13.

DEUS ABANDONOU JESUS?

O Evangelista Marcos e, seguindo-o, também Mateus dizem que as últimas palavras de Jesus na cruz foram: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” Será que Jesus se sentiu abandonado pelo Pai? Seriam essas palavras um grito de revolta de alguém em grande sofrimento? Seriam, como disseram pregadores antigos, palavras de desespero de Jesus sofrendo as penas do inferno para pagar nossos pecados?

Nos outros dois Evangelhos, Lucas e João, não encontramos essas palavras nos lábios de Jesus. Em Lucas Jesus pede ao Pai perdão por aqueles que o crucificam, promete o paraíso ao ladrão arrependido e termina dizendo “Em tuas mãos entrego o meu espírito”. Em João, Jesus diz à sua mãe e ao discípulo, que eles são filho e mãe, diz “Tenho sede” e chega ao fim afirmando “Está tudo realizado”. Nenhuma palavra de revolta, abandono ou desespero!

SOLUÇÃO

Marcos e Mateus não nos querem apresentar um Jesus desesperado, revoltado, muito menos abandonado por Deus e, menos ainda, sofrendo as penas do inferno. Em Marcos e Mateus Jesus realiza com perfeição o que a Bíblia já dizia de um inocente sofredor.

O Antigo Testamento fala em vários lugares do justo que sofre. As passagens mais famosas são os quatro poemas que se encontram no livro de Isaías, nos capítulos 42, 49, 50 e 52-53. Esses poemas ou cânticos falam de alguém cuja missão é sofrer injustamente, ser perseguido por ser justo, sofrer violência por não praticar violência, resistindo firme até implantar o direito no país e tornar-se uma lição para o mundo todo. Escritos quinhentos anos antes, esses poemas serviram para os Evangelistas descreverem muitos detalhes da paixão de Jesus.

As palavras que em Marcos e em Mateus encontramos nos lábios de Jesus no momento de sua morte, não são exatamente desses poemas. São o primeiro verso da oração de um pobre, inocente, justo, perseguido e que viu a morte de perto. É o Salmo 22 (ou 21 na numeração da Vulgata, a antiga tradução latina, clássica na Igreja Católica). Para quem conhece o Salmo basta citar seu primeiro verso, o resto se lembra.

O Salmo tem 2 partes. A primeira é a oração do pobre, justo e inocente ameaçado de morte. A segunda é de agradecimento a Deus porque “não desprezou nem desdenhou a desgraça do pobre” (vers. 25).

Os detalhes da primeira parte do Salmo estão todos presentes na descrição que Marcos e Mateus fazem dos momentos que antecederam a morte de Jesus. Note, por exemplo, os versos 8 e 9: “Todos os que me vêm zombam de mim, abrem a boca e balançam a cabeça: Ele recorreu a Javé... Pois que o salve! Que o liberte, se é que o ama de fato!” Ou, também, 17, 18 e 19: “Um bando de malfeitores me envolve furando minhas mãos e meus pés. Posso contar todos os meus ossos. As pessoas me observam e me encaram, entre si repartem minhas vestes e sorteiam minha túnica”.

Até o verso 22 o Salmo reproduz a oração do pobre, justo, sofredor e a partir do 23 estamos na celebração de ação de graças que incluía um “sacrifício de comunhão”, uma espécie de churrasco popular, para o qual eram convidados os pobres que viviam em torno do templo (v.27). O Salmo lembra a súplica feita no momento de dor, mas no todo é a oração de ação de graças “porque Deus não desprezou nem desdenhou a oração de um pobre”. Esse o Salmo que Marcos e Mateus colocam nos lábios de Jesus.

Convém falar que Deus abandonou Jesus?

14. PEDRO, PORTEIRO DO CÉU?

Todas as estórias de alguém que chega ao céu incluem um personagem infalível que é São Pedro. Ele é o porteiro, às vezes o administrador geral do céu. É ele sempre quem abre ou fecha a porta, diz quem entra, quem não entra.

Isso encontra fundamento nas palavras de Jesus a Pedro no Evangelho segundo Mateus: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus”. Parece claro e sem dúvida. A frase seguinte, porém, traz a contradição: “Tudo o que ligares na terra...”. Não eram as chaves do Reino **dos Céus** que Jesus dava a Pedro? Como é que em seguida diz que ele deverá ligar ou desligar, fechar ou abrir, **na terra**?

SOLUÇÃO

Os judeus do tempo de Jesus tinham grande respeito pelo nome de Deus. Aliás, esse respeito vinha crescendo cada vez mais. Mais no princípio da sua história o povo da aliança chamava a Deus com todo amor e carinho pelo seu nome próprio, dado a Moisés como nome do Deus que caminha com o povo: Javé. Javé lembra o Deus dos fracos, mais forte que o deus dos poderosos. Javé é o Deus que está com o povo, que caminha com ele.

Mais tarde o povo começou a sentir que nem todos ou ninguém podia pronunciar um nome tão sagrado, o nome próprio de Deus, o nome do Deus libertador. Onde, na Bíblia, estava escrito Javé o leitor devia pronunciar **Edonay**, isto é, SENHOR. Para isso, junto às consoantes de **Jahwéh** colocavam as vogais de **Edonay**. Dessa mistura saiu **Jehowáh**. Mais tarde já evitavam falar *Edonay*, “o SENHOR” e até mesmo “Deus”. Para substituir as palavras **Deus** ou **Senhor**, já nos livros dos Macabeus (150 anos antes do tempo de Jesus) utilizavam a palavra **Céu** ou Céus.

Assim, no tempo de Jesus os judeus faziam o possível para jamais pronunciar a palavra Deus. O Evangelho de Mateus foi escrito numa comunidade de judeus cristãos, para judeus cristãos e com o máximo de respeito às tradições judaicas, pois pretendia conquistar mais judeus para a fé cristã. É, então, normal que evite falar a palavra Deus. Por outro lado um pensamento central do mesmo Evangelho é o de Reino de Deus. Como fazer, então? Muito simples, dizer “Reino dos Céus” onde os outros dizem Reino de Deus. Basta ver como fala João Batista em Marcos 1,15: “O Reino de Deus se aproxima” e em Mateus 3,2: “O Reino do Céu se aproxima”.

“Reino do céu”, portanto, em Mateus tem o mesmo significado que Reino de Deus nos outros Evangelhos. Mais até. Em Mateus o Reino do Céu se identifica muitas vezes com a Igreja de Jesus, a comunidade dos discípulos, que vive nesta terra e tem suas falhas e defeitos. Veja, por exemplo, as comparações ou parábolas do capítulo 13

de Mateus: O Reino dos Céus é como a lavoura onde o joio cresce ao lado do trigo, a rede que pega peixes bons e ruins.

As chaves que Pedro recebeu significam, portanto, a sua função aqui na terra, a de abrir ou fechar as portas da Igreja, deixar entrar ou pôr para fora, acolher ou excluir da comunidade, de modo que o que ele ligar ou desligar aqui na terra seja aprovado pelo céu, quer dizer por Deus.

As chaves do céu mesmo devem estar nas mãos de outro, da gente mesma.

15. ESTAVA NA MONTANHA E FUGIU PARA A MONTANHA?

O Evangelho de João diz no capítulo 6, verso 3 que Jesus subiu à montanha e aí se sentou com os discípulos. Depois não diz que ele tenha deixado a montanha, conta apenas como provocou os discípulos a encontrar solução para alimentar o povo, diz o que ele fez para que a multidão se alimentasse e qual a reação da multidão. A reação da multidão é tentar fazer de Jesus o rei que lhe resolva todos os problemas. Quando a multidão vai procurar Jesus para faze-lo rei, onde está ele?

O verso 15 diz que, quando quiseram faze-lo rei, Jesus fugiu para a montanha. Mas ele não estava na montanha? Dali ensinava o povo e cuidava da sua alimentação. Se já estava na montanha, como fugiu para a montanha? Se na montanha estava diante da multidão, como se escondeu na montanha? Ou haveria duas montanhas?

Solução

Sim há duas montanhas. Duas montanhas simbólicas. A primeira onde, depois de atravessar o mar seguido da multidão, Jesus se senta com os discípulos e cuida da fome do povo representa o Monte Sinai. Jesus é o novo Moisés, o líder do novo povo de Deus. O conhecido personagem bíblico atravessou o mar Vermelho à frente da multidão dos hebreus, subiu ao Monte Sinai para de lá trazer a Lei de Deus e, também alimentou o povo no deserto com o maná. O Evangelho vai lembrar tudo isso.

A segunda montanha, onde Jesus se refugia, é o lugar do encontro com Deus. Nos Evangelhos quando Jesus sobe à montanha sozinho ou com alguns discípulos é sempre para orar, para colocar-se diante do Pai. Este conceito de que a montanha é lugar da presença de Deus vem desde o Primeiro Testamento. Quantas vezes o próprio monte Sinai ou Horeb é lugar de importantes encontros com Deus!

Na primeira montanha, que representa o monte Sinai, novo Moisés, Jesus vai à frente do povo que foge da escravidão, atravessa o mar e faz a aliança com Deus.

Moisés nos quarenta anos em que o povo viveu acampado no deserto, ensinou a Lei de Deus recebida no monte Sinai, agora Jesus é o novo mestre do povo de Deus, por isso ele senta com os discípulos naquela montanha. Ele e seus discípulos.

Moisés, a partir do monte Sinai, educou o povo para a prática da fraternidade e da colaboração. O maná era o pão de cada dia. Só servia para um dia. Não faltava para uns, não sobrava para os outros. Não podia ser guardado, não podia ser privatizado, não era objeto de negócio, nem de esperteza. Aqui Jesus alimenta a multidão ensinando aos discípulos que não é o dinheiro, mas é o pão dos pobres, o pão de cevada, o mais barato, oferecido em colaboração pelo pequeno, um moleque, um empregadinho, unido ao respeito à dignidade de cada um, as pessoas sentadas para comer, que pode resolver o problema da fome das multidões. Essa, a primeira montanha.

As multidões não entendem. Será que você, leitor está entendendo? Jesus mandou que todos, não sendo escravos, se sentassem para comer, como senhores, capazes, donos do próprio destino. Muitos, porém, viram nele alguém que poderia resolver todos os problemas para eles, especialmente o principal, o da fome. Viram em Jesus o grande líder a quem confiar o seu destino, do qual tinham medo de ser donos. Querem pegá-lo para fazê-lo rei. Mas ser esse tipo de rei não era a missão que o Pai lhe confiara. O fascínio do poder, no entanto, poderia fazê-lo se desviar. A tentação é grande, principalmente hoje para os discípulos que estão com Jesus e de quem Jesus é figura. Jesus foge para a montanha, refugia-se em Deus, retorna ao Pai, a origem de sua missão. Recolhe-se em oração na montanha para, no encontro com Deus, renovar sua fidelidade à própria missão. É a segunda montanha.

Estava na montanha da Lei de Deus e do maná, fugiu para a montanha do encontro com o Pai. Onde a contradição?

16.

O CAMELO E A AGULHA

É muito conhecida a frase de Jesus que se encontra nos três primeiros evangelhos: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

Quem não admite que Jesus fale de maneira humana ou quer achar uma saída para os ricos dá as mais variadas explicações desta frase. Duas mais comuns: Agulha não é agulha de costurar, era uma porta pequena que havia nas muralhas de Jerusalém. Jesus não pode dizer que alguém pense em fazer um animal passar pelo fundo da agulha! Outra explicação: Camelo não é o animal, é uma corda feita com o pelo desse animal, Jesus está falando de corda, não de animal. Corda, tudo bem! Mas camelo no fundo da agulha, isso é coisa de maluco.

Juntando as duas explicações fica muito fácil para os ricos. Que coisa mais fácil passar uma corda pela porta menor das muralhas! Será que é isso? Ou não há mesmo como um rico entrar no céu?

SOLUÇÃO

Se alguém te diz que ali não está passando nem tatu calçado de chuteiras, você não pergunta: “Quem vai calçar chuteiras no tatu?” Entende que é um modo de falar. E

a Bíblia tem direito de usar todos esses modos de falar. Jesus está se referindo ao maior animal que eles conheciam e à mais estreita passagem que havia.

Há também outros mal-entendidos. É preciso prestar atenção no restante da conversa. De quem Jesus está falando? Que tinha ele proposto a essa pessoa e ela não tinha aceitado? Depois ele falou em alguma outra possibilidade? Que significa esse Reino de Deus de que Jesus fala?

O episódio é o do rico que queria alcançar a vida eterna. Segundo Mateus (19,16-29) era um jovem, Marcos (10,17-29) diz apenas que era um homem e para Lucas (18,18-30) era uma pessoa importante. Jesus lhe fala dos mandamentos e ele diz que observa tudo corretamente desde pequeno. Jesus lhe diz: “Então te falta só uma coisa: Dá aos pobres tudo o que você tem e venha me seguir!” E o rico foi-se embora triste, porque era muito rico. Faltou-lhe a coragem.

Deixar tudo o que possuía para seguir Jesus. O Reino de Deus de que ele fala não é na outra vida, é a comunidade dos discípulos de Jesus, o grupo dos que o seguem. É mais fácil um camelo entrar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar para a nossa turma, vir a fazer parte da comunidade dos discípulos de Jesus. Ser discípulo de Jesus, seguir os seus passos exige desprendimento. Sem desprendimento não há comunidade. Nada se constrói de bom. Quem não se dispõe a perder dinheiro, fica de fora. E o bolso, a parte mais sensível do corpo humano, quanto mais pesado, mais dolorido. Não é fácil! É mais fácil um elefante passar pelo buraco da fechadura!

Os discípulos que estavam com Jesus ficaram espantados. Eles eram pobres, tinham deixado o pouco que possuíam, mas, mesmo assim, ficaram espantados. Jesus não voltou atrás, não disse que agulha era uma porta ou que camelo era uma corda, mas mostrou uma saída. Vocês acham difícil demais? É mesmo. Mas o que para os homens é impossível, para Deus é possível. Para Deus tudo é possível – não está falando de cura de doenças ou de outros problemas – é possível até o rico deixar tudo o que tem, desprender-se de tudo, para ser solidário, companheiro, participar da comunidade dos discípulos, seguir Jesus no caminho do sacrifício em favor dos irmãos. Fácil não é. É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha.

Mas é gratificante. Na comunidade, na vida fiel e correta entre os discípulos de Jesus, a pessoa encontra casas, mães, pais, irmãos, irmãs, filhos, filhas, tudo o que deixou, multiplicado por cem, apesar das dificuldades e das perseguições.

17.

IR PARA CASA SEM ENTRAR NO POVOADO

No Evangelho de Marcos, capítulo 8, versos 22 a 26 encontramos um episódio assim: Chegando Jesus a um povoado, levam-lhe um cego. Ele o toma pela mão e conduz para fora do povoado. Depois de tê-lo completamente curado, Jesus manda-o voltar para casa e diz: “Não entre no povoado!” Como lhe será possível isso, voltar para casa sem entrar no povoado onde morava?

SOLUÇÃO

Fica muito claro que o Evangelista não está querendo narrar uma história que seja coerente em todos os detalhes. A sua narrativa não se orienta pela lógica dos fatos. Sua coerência se prende ao significado de cada gesto, pessoa ou coisa.

A casa, no Evangelho de Marcos, simboliza a comunidade, os discípulos reunidos com Jesus. Depois de algum acontecimento ou discurso público, é sempre **em casa** que Jesus dá maiores explicações aos discípulos.

O povoado e a cidade já simbolizam a sociedade humana atual, com seus vícios, mazelas e pecados. Significa a opressão, a exploração, o consumismo, a alienação, o autoritarismo, a ganância, a violência, o orgulho, etc.. Leia na sua Bíblia o episódio todo (Mc 8,22-26). No povoado o homem era cego. Tocado por Jesus talvez possa se curar.

Para enxergar, porém, o homem precisa sair do povoado. Jesus o conduz para fora. A força de Jesus vem de sua boca (a saliva, um santo remédio), a palavra, e de suas mãos, o agir. A cura não é instantânea. No princípio o homem ainda confunde pessoas com coisas, gente com árvore. Aos poucos irá enxergando melhor. Nem todos andam sempre de luz alta, muitos andam de luz baixa, outros só de farolete aceso ou no escuro total. Só aos poucos terá luz alta e deixará de confundir seres humanos com coisas.

De luz alta, enxergando tudo com nitidez, mesmo de longe, Jesus o manda de volta para sua casa, sua comunidade. Com os companheiros de fé irá ver cada vez melhor.

Só não pode entrar no povoado, voltar aos critérios da sociedade construída sobre a lei do mais forte, da opressão, da ganância, do valor da coisa acima do valor da pessoa. Se voltar para o povoado, ele volta a confundir gente com árvore, até não ver mais as pessoas, só as coisas. Ficarão cego novamente.

É preciso ir para casa, mas sem entrar de novo no povoado.

Onde a contradição?

18.

666 É O NÚMERO DO PAPA?

O capítulo 13 do livro do Apocalipse fala de duas feras (palavra erroneamente traduzida por “besta”), uma que vem do mar e a outra, da terra. São símbolos de alguém

muito perverso. Termina dizendo que o número da fera é 666 e que aquele que for capaz de entender que entenda.

São incontáveis as interpretações dadas e este número. Uma delas, bem divulgada, atribui o número ao Papa, tomando como base uma inscrição constante numa peça, hoje em desuso, de seus paramentos.

Seria profecia de um futuro bem distante? A quem exatamente estaria se referindo João, o autor do Apocalipse? É possível que se trate mesmo do Papa?

SOLUÇÃO

A grande dificuldade desse tipo de simbolismo é que não se conhecem com segurança os critérios do autor. O mais comum e natural é atribuir um número a cada letra do alfabeto e, assim, no nosso caso, somar, diminuir, multiplicar os números correspondentes a cada letra de um nome ou de uma frase, como a da tiara do Papa, até se chegar ao número 666.

Isso, porém, se presta a qualquer interpretação. Podemos dizer, por exemplo, que a fera do Apocalipse é Fernando Henrique, FHC. Basta atribuir valor numérico às letras do nosso alfabeto assim: de A a J, 1 a 10, de L a S, 20 a 90, de T a Z, 100 a 500. Some, agora, o valor numérico das letras de FERNANDO HENRIQUE e temos 643. Depois tome as iniciais FHC, 6-8-3. 8 menos 6 = 2. 2 e 3, 23. 23 mais 643 dá 666.

João, o autor do Apocalipse, não conheceu Fernando Henrique nem conheceu as peças dos paramentos papais. Em quem estaria pensando ele ao falar dessa fera? Por que não disse com clareza de quem estava falando?

O leitor conhece as músicas de Chico Buarque “Apesar de você”, “Cálice”, “Que será?” e outras? Conhece o “Samba do crioulo doido”? Suas letras falam de maneira simbólica da ditadura militar. Era a maneira possível e criativa de burlar a censura. Quando os militares desconfiaram que o “você” do Chico era o General Médici, “Apesar de você” já tinha sido divulgada.

Assim também o Apocalipse. Seu autor está preso e confinado na pequena ilha de Patmos, por animar as comunidades cristãs da região. Elas deviam resistir à idolatria do Império Romano. Era obrigação prestar culto ao Imperador Romano (o Clinton ou Bush da época) como se fosse ele um deus. Havia altares e templos para isso. João animava suas comunidades a ficarem firmes, que preferissem morrer a se submeter ao culto imperial. Por isso ele estava preso. Só poderia escrever, então, dessa maneira, cheia de simbolismos.

Muitas interpretações são dadas ao número da fera, algumas genéricas, outras definindo melhor que se referia ao Imperador ou ao Império.

O número 7 indica a plenitude, a perfeição. Assim, 666 seria 3 vezes incompleto, imperfeito? A fera é só imperfeição!

666 escrito em algarismo romanos (DCLXVI) dá uma seqüência decrescente desses algarismos, de D = 500 até I = 1. A fera está declinando!

A soma do valor numérico das letras do alfabeto hebraico, um alfabeto familiar a João, faz o nome *NRON QSR* (IMPERADOR NERO) resultar exatamente em 666. É, sem dúvida, a interpretação mais provável.

19.

ONDE ESTAVA JESUS AOS 40 DIAS DE VIDA?

Evangelho de Lucas, capítulo 2, verso 22 diz: “Terminados os dias da purificação conforme a Lei de Moisés,” Maria e José foram a Jerusalém levando o Menino. Essa purificação devia acontecer 40 dias após o nascimento da criança (Levítico, Capítulo 12). Terminado o ritual, diz Lucas em 2,39 que Maria, José e o Menino voltaram para Nazaré, sua terra. Estavam, portanto, em Nazaré.

Segundo Mateus (2,1-23), fugindo de Herodes, que queria matar o Menino, a Família fugiu para o Egito e ali ficou até a morte do velho rei. Herodes, segundo os historiadores mais bem avisados, morreu 2 anos depois do nascimento de Jesus. Até então, segundo Mateus, Jesus estaria no Egito. Só depois, voltou para a Palestina e foi morar em Nazaré.

Fica a dúvida: 40 dias após o nascimento, Jesus estava no Egito ou em Nazaré?

Solução

Os Evangelhos não querem satisfazer a nossa curiosidade, querem alimentar nossa fé. A exatidão dos fatos interessa menos para os evangelistas. O que lhes interessa é o significado. Para dar este ou aquele significado, apresentam fatos diferentes, até mesmo contraditórios. A pergunta dos Evangelistas não é a nossa: “Em que lugar estava Jesus?”. É: “Do princípio da vida de Jesus que lição podemos tirar para o que acontece hoje na nossa comunidade?”.

A história dos Magos narrada por Mateus deixa claro que, enquanto os Magos, estranhos ao povo judeu, vão à procura de Jesus, levados por um pequeno sinal, uma estrela diferente encontrada no céu, do outro lado os chefes judeus, a começar do rei Herodes, ficam apavorados com a notícia do nascimento do “rei dos judeus”. E eles são capazes até de encontrar na Bíblia uma passagem que aponte o lugar desse nascimento.

Assim está acontecendo na comunidade. Quando os revoltosos se aproximavam de tomar o poder em Jerusalém, os discípulos de Jesus viram-se ameaçados: ou entravam na aventura suicida da rebelião contra Roma ou morriam todos. Saíram da cidade antes que lhes fechassem as portas. Eles saíram da cidade e do país, encontraram apoio e fizeram novos cristãos entre muitos que nem faziam parte da religião judaica. Os Magos representam essas pessoas que, sem conhecer a Bíblia, acolheram com amor o Messias Jesus.

Os fariseus saíram da cidade também. Mas, com todo o conhecimento que tinham da Bíblia, eles achavam absurdo dizer que Jesus era o Messias, o Salvador enviado por Deus. Eram inimigos dos cristãos e tinham simpatia pelos revoltosos. São representados por Herodes e Jerusalém em peso (Mt 2,3).

A Comunidade que nos deu este Evangelho teve de sair da Palestina e ficar esperando que as coisas se acalmassem para poder voltar. Assim Jesus também teve de fugir do poder de Herodes. O Egito vai lembrar o Povo que, no tempo de Moisés, veio do Egito (“Do Egito chamei meu filho” 2,15). Jesus lembra o povo que saiu da escravidão do Egito e lembra o povo de Deus de hoje, que esteve fora da Palestina, andando pelos mesmos caminhos por onde andou o povo guiado por Moisés e Josué.

Para Lucas a situação é outra. A maioria da sua comunidade era de gentios ou não-judeus. Muitos falavam mal deles. Diziam que eles nada seguiam da religião tradicional dos judeus nem respeitavam seus antigos costumes religiosos, negando a própria origem religiosa. Respondendo a isso, Lucas faz de Jerusalém o ponto de partida de tudo e apresenta Jesus como judeu fiel e observante de toda a Lei desde pequeno. Recebe a circuncisão ao oitavo dia e, quarenta dias após o nascimento, é levado a Jerusalém. Ali, dois representantes da mais legítima esperança do povo judeu, um homem e uma mulher, falam de Jesus como realizador de todas essas esperanças. Quem disse que a comunidade de Lucas nega suas origens?

A comunidade de cristãos judeus de Mateus sentia-se mais querida entre os estranhos do que no meio do seu próprio povo. A história dos Magos e de Herodes representa isso. A comunidade do terceiro Evangelho tinha de responder à acusação de não respeitar as tradições judaicas. Lucas responde com a sua história da infância de Jesus.

Onde está a contradição?

20.

PODE O MARIDO DISPENSAR A ESPOSA?

O livro do Deuteronômio nos primeiros 4 versículos do capítulo 24 diz que o marido, vendo alguma coisa de inconveniente na esposa, deve dar a ela um documento de demissão ou de dispensa (algumas traduções dizem “de repúdio”, um termo técnico, e outras, menos apropriadamente, “de divórcio”). Não se trata de divórcio, porque o divórcio, na lei civil, pode ser iniciativa tanto do homem quanto da mulher e depende de sentença do juiz. Aqui não, o marido, e só o marido, pode dar por encerrado o casamento, sem aprovação de quem quer que seja, bastando-lhe apenas colocar um documento nas mãos da mulher. Algo como o patrão que assina a carteira e dispensa a empregada.

Se a Bíblia manda fazer assim, porque não se faz mais? Por que os maridos já não têm esse direito de acabar com o casamento à hora que quiserem? Alguma lei da Bíblia não precisa mais ser observada? Isso não pode gerar confusão? Seria o caso de impor condições, limitar essa lei a circunstâncias especiais?

Solução

Um dia levaram esse problema a Jesus. Está em Marcos 10,2-9. A resposta que ele deu foi muito simples: Não nego, está na Bíblia, faz parte da Lei de Moisés. Mas não é uma lei absoluta e definitiva! Moisés deu este mandamento por causa da cabeça (coração) dura de vocês. Em seguida recorre a uma outra passagem da Bíblia: No princípio, na origem, Deus os fez homem e mulher e disse os dois serão uma só carne. Deus uniu, o homem não deve separar.

Nesse episódio Jesus ensina ler a Bíblia. Nem tudo o que está na Bíblia é lei absoluta e definitiva. É preciso prestar atenção ao contexto, ao restante da conversa, às circunstâncias, para saber se aquilo não tem valor apenas relativo, apenas para aquelas circunstâncias. Uma lei tão machista que dá ao marido o direito de acabar com o casamento quando bem entender, como se a esposa fosse apenas uma funcionária contratada para o tempo da conveniência do patrão, não pode ser absoluta. Só poderia valer em circunstâncias muito especiais, “a cabeça dura de vocês”, segundo Jesus. A exigência do documento visava até a proteger a mulher. Está na Bíblia, sim, mas não é esta a vontade de Deus total e absoluta.

É preciso ver se na Bíblia não existem outras afirmações, outros princípios. Jesus lembra como mais original o trecho que fala da criação do homem e da mulher e termina dizendo “os dois serão uma só carne”. No princípio, então, o homem não tinha esse direito. Isso veio depois, por outros motivos. A vontade de Deus original, do princípio, é que os dois sejam um só. E, se Deus uniu, não cabe ao marido separar. Essa, a lei mais original e primitiva. A outra só servia para impedir que se fizessem coisas piores, como os homens deixarem as mulheres totalmente abandonadas, sem um mínimo de proteção, numa sociedade onde só o homem tinha direitos.

O original, o primitivo, o princípio primeiro é a unidade e estabilidade do casamento. Isso, segundo Jesus, foi feito e estabelecido por Deus já na criação do ser humano, homem e mulher, quando disse: “Os dois serão um só!”. E não pode o desejo momentâneo do marido, que “encontrou na esposa alguma coisa de inconveniente”, desfazer o que Deus fez. O poder do marido sobre o casamento está na Bíblia, sim, mas não é definitivo e não é vontade de Deus. É para momento e circunstância já ultrapassados.

Alguma contradição?

21. JOSÉ TEVE DOIS PAIS?

Mateus (1,1-17) e Lucas (3,23-38) apresentam em seus Evangelhos diferentes genealogias de Jesus. Mateus começa de Abraão, o pai do povo hebreu, e Lucas vai até Adão, o pai da humanidade. Nenhum dos dois fala dos pais, avós, bisavós, os ancestrais de Maria. Ambos falam dos ancestrais de José, segundo Mateus, “esposo de Maria, de quem nasceu Jesus” e, segundo Lucas, porque “Jesus era considerado filho de José”.

Acontece, porém, uma contradição: em Mateus o Pai de José chama-se Jacó e em Lucas chama-se Heli. E não só o pai, o avô, o bisavô, o trisavô, o tetravô, todos têm nomes diferentes. José teria tido dois pais? Que fazer para combinar isso?

Solução

Nada! A verdade da Bíblia não é a verdade histórica ou científica. É a verdade teológica. A Bíblia não pretende matar a nossa curiosidade, visa a alimentar a nossa fé.

Os dois evangelistas vivem situações diferentes, têm pontos de vista diferentes e transmitem mensagens diferentes. Mateus é de uma comunidade de cristãos judeus que queria conquistar mais judeus para o cristianismo. Por isso, ele começa em Abraão, o pai do povo hebreu. Jesus é filho desse povo. Lucas é de uma comunidade de cristãos gentios, de nações e origens diferentes. Por isso vai até Adão, Jesus é filho da humanidade.

Mateus organiza a sua genealogia em três grupos de catorze gerações. O período de mais de setecentos anos que vai de Abraão até Davi tem catorze gerações da mesma forma como o período de Davi até o cativo da Babilônia, cerca de 420 anos, tem catorze gerações, assim como os 580 anos até o nascimento de Jesus. Catorze seria a soma dos valores numéricos das consoantes (o hebraico não tem vogais) do nome de Davi (*Dwd*: $d=4$ e $w=6$)? Três grupos de catorze equivalem também a seis grupos de sete gerações. Jesus começa, então, a sétima e definitiva fase da história humana.

Lucas tem em comum com Mateus os nomes dos personagens mais importantes como Davi, Abraão, Salatiel e Zorobabel, além da maioria dos nomes entre Abraão e Davi. De Davi até Jesus só têm em comum (filhos de outros e pais de outros!) os dois personagens importantes do período do exílio, Salatiel e Zorobabel.

Mateus apresenta Jesus como filho de Davi através dos reis de Judá: Salomão, Roboão e os outros. Para Lucas Jesus é também filho de Davi, mas por outro caminho. Não cita o nome de um rei sequer, traz inúmeros nomes, muitos desconhecidos do restante da Bíblia e alguns de antigos profetas. Entende-se, para uma comunidade de cristãos gentios, com preocupação mais universal, Jesus pode-se dizer filho de Davi, mas sua origem está mais nos profetas do que nos reis do povo judeu.

Jacó é o grande patriarca do povo judeu. Para Mateus não haveria melhor nome para o pai de José. Para Lucas Jesus é o novo Samuel, o mais importante líder do povo que não tinha rei. O Cântico de Maria (Lc 1,46-55) é uma adaptação do Cântico de Ana, mãe de Samuel (1Sm 2,1-10) e Heli, o velho sacerdote, pai adotivo de Samuel, é, assim, um bom nome para o pai de José de quem Jesus era considerado filho.

Onde está a contradição?

22.

VIU A FÉ DE UNS E CUROU O OUTRO

O Evangelho de Marcos tem no início do capítulo 2 (2,1-12) um episódio no mínimo curioso: Corre a notícia de que Jesus está em casa. Ajunta tanta gente que não há mais lugar, nem mesmo à porta. Chegam 4 carregando um paralítico. Não podendo apresentá-lo a Jesus, abrem um buraco no teto no lugar onde Jesus está e por aí descem o paralítico. O mais curioso é o que o Evangelista diz em seguida: “Vendo a fé deles, Jesus diz ao paralítico: ‘Teus pecados estão perdoados’”. Não diz que viu a fé do paralítico e sim a dos quatro. E começa dizendo que os pecados do paralítico estão perdoados, sem que ninguém tenha dito que ele pedia ou esperava esse perdão. Por fim cura o paralítico, diante das críticas dos mestres fariseus.

A cura não depende da fé? Não se diz uma palavra sobre a fé do paralítico. Como é isso?

Solução

O que dirige a pena do evangelista não é a exata verdade histórica nem mesmo a coerência lógica dos fatos. É o valor temático, o significado ou simbolismo que cada detalhe pode ter. Aí a coerência e a lógica que devemos buscar é a dos significados não a dos fatos.

Cafarnaum é a cidade de Jesus, a sua base, o ponto de partida de sua pregação. A casa é o lugar onde ele instrui os discípulos e forma a sua comunidade. Os primeiros que ele reúne são evidentemente judeus. Ajuntam-se em multidão à porta da casa. “Não entram nem deixam que outros entrem” (Mt 23.13). A casa onde Jesus começa a formar a nova comunidade é bem o judaísmo ou a religião judaica. Estavam ali sentados, como mestres, alguns Escribas. Aqui ninguém mais entra, os mestres são eles.

E os outros, dos quatro cantos do mundo, não poderão chegar? Continuarão paralisados, continuarão eternamente pecadores, como os Escribas consideravam os gentios ou não judeus?

Não! Chegam quatro, dos quatro ventos como diziam, dos quatro pontos cardeais, carregando um paralítico que os simboliza a eles próprios. Não era impossível subir ao teto das casas pelo lado de fora, ali era situada a escada que levava ao teto. O teto era uma espécie de terraço de taipa. Chove pouco na palestina. Não sei se não seria um grande distúrbio retirar o barro seco e as peças de madeira para abrir um buraco por onde descer uma padiola, mas era possível.

Os primeiros a quem Jesus falou, que tinham os Escribas ali sentados, parecem fechar a passagem até Jesus. Mas os quatro, pecadores e paralíticos, abrem um buraco no lugar onde estava Jesus, vão direto a ele e podem também se libertar do pecado que os paralisa. Querem. Por isso, “Jesus vendo a fé deles diz ao paralítico (que os representa) teus pecados estão perdoados”. E diante das críticas dos mestres escribas, mostra a consequência da libertação dos pecados, manda o paralítico pegar a própria cama e sair andando. Agora ele carrega aquilo que o carregava.

O episódio representa bem a comunidade de Marcos, uma comunidade aberta a gente dos quatro cantos do mundo e que encontrava resistência e oposição da parte dos mestres fariseus. Os não judeus, dos quatro cantos do mundo, considerados pecadores pelos Escribas, e paralíticos por não terem perspectiva, não terem sonhos, podem chegar direto a Jesus, livrar-se da pecha de pecadores e partir carregando a cama em que eram carregados, totalmente senhores da situação.

Na cabeça de quem está a contradição?

23.

ONDE FOI A TERCEIRA TENTAÇÃO?

Os Evangelhos de Mateus e de Lucas falam de três tentações ou provas a que Jesus foi submetido depois do seu batismo. A diferença está em que, de acordo com Mateus a segunda é aquela em que Jesus é convidado a saltar do lugar mais alto do Templo e a terceira é aquela em que toda riqueza e poder do mundo lhe são oferecidos.

Já em Lucas a ordem é inversa, a segunda é a do poder e riqueza e a última a de saltar do pináculo do Templo. Quem está com a razão? Qual a verdadeira ordem das tentações? Onde está a verdade?

Solução

O leitor que nos vem acompanhando poderá dizer com razão: “A Bíblia não é inquérito policial. A verdade da Bíblia não está na exatidão dos fatos!”

Então, para entendermos a verdade de fé, a interpretação da figura de Jesus que nos oferecem, qual dos dois evangelistas terá invertido a ordem das tentações? Qual deles nos quis dizer alguma coisa com essa mudança?

Lucas, sem dúvida! Que intenção tinha ele com isso? Queria deixar Jesus na cidade de Jerusalém, ao início de sua atividade. Em Jerusalém, no interior do Templo, Lucas começa seu Evangelho com o anúncio do nascimento de João Batista a Zacarias. Na sua história da infância, Jesus é levado mais de uma vez a Jerusalém. Os episódios mais importantes do corpo do Evangelho, Lucas os coloca numa viagem (subida) longa para Jerusalém. A última aparição do Ressuscitado com o envio dos discípulos, ele também a situa em Jerusalém. E seu outro livro, o dos Atos dos Apóstolos, Lucas também o começa em Jerusalém e faz sempre voltar lá, como se tudo estivesse preso a Jerusalém. Assim também, terminadas as tentações, Jesus está no pináculo do Templo, em Jerusalém.

A importância de Jerusalém para Lucas e as comunidades cristãs que ele representa está na reafirmação da origem da sua fé. “Foi de lá – parecem dizer-nos – e fazemos questão de reafirmar, que recebemos nossa fé!” Paulo, o fundador dessas comunidades, tinha vivido grandes problemas com os cristãos de Jerusalém liderados por um parente de Jesus chamado Tiago. Agora as desavenças estão terminadas, o “muro da separação está derrubado” e não podemos nem queremos negar a nossa origem. A origem em Jerusalém é que nos liga aos Apóstolos e ao próprio Jesus.

Os quarenta dias de deserto e as tentações são um resumo da atividade de Jesus e da caminhada de todos nós. Lucas diz que Jesus subiu do rio Jordão repleto do Espírito Santo. Parece a subida do túmulo, cheio de vida. Paulo já lembrava o Batismo do Cristão como um mergulho na morte do Cristo e subida para uma vida nova com ele.

Apesar da nova força interior, o Espírito, deserto é sempre deserto. A caminhada para a Terra Deliciosa é cheia de perigos e tentações. A tentação do individualismo: Transformar as pedras em pão para matar minha fome! Quando se compadece da multidão faminta no deserto, Jesus não transforma as pedras em pão, faz milagre muito maior, o milagre da partilha! Pergunta: “Quem tem pão? Vamos repartir?!”

A tentação do poder e do dinheiro. É fácil conseguir tudo o que se quer, basta ajoelhar-se diante daquele que manda neste mundo e que, segundo Lucas, recebeu este poder de Deus. Foi Deus quem quis que o mundo fosse assim, que tivesse dono... Adorar o dono do mundo! Nessa tentação ninguém cai... É muito fácil dizer: “Só a Deus adorarás!”

A tentação do milagre. Essa é religiosa, acontece no lugar sagrado, no Templo. “Pula daqui a baixo, pois não está na Bíblia que Deus vai mandar seus anjos te protegerem?” “Deus é poderoso”. “A oração é poderosa”. “Joga fora teus remédios, que Jesus vai te curar!” “Doenças, desemprego, desavenças, esqueça seus problemas! Compre este livro, reze estas orações que Deus resolve tudo para você!” Jesus disse: “Não tentarás o SENHOR teu Deus!” E foi-se o inimigo, esperando o momento oportuno para voltar.

24. NO SEXTO OU NO OITAVO DIA?

Os três primeiros Evangelhos, chamados sinóticos, falam de uma experiência que tiveram Pedro Tiago e João, os três que nos mesmos Evangelhos não de ver de perto os últimos e angustiosos momentos de Jesus antes de ser preso. Aqui a experiência é outra, é a de ver, por um momento, a glória do Cristo ressuscitado.

Acontece, porém, que Marcos (9,2-8) e Mateus (17,1-8) dizem que o fato se deu no sexto dia após Jesus ter anunciado sua paixão, enquanto que Lucas (9,28-36) diz ter sido no oitavo dia. Quem está certo? Foi no sexto ou no oitavo dia?

Solução

Nos três Evangelhos, logo após Pedro afirmar que ele é o Messias, Jesus passa a falar de sua próxima humilhação, morte e ressurreição. Imediatamente diz que o verdadeiro discípulo tem de estar pronto a seguir o mesmo caminho. Termina o trecho afirmando que muitos dos presentes, antes de morrer, verão “o Reino de Deus chegando com poder” (Marcos), “o Filho do Homem chegando com seu Reino” (Mateus) ou simplesmente “o Reino de Deus” (Lucas). Daí passam os três para o episódio chamado da Transfiguração, que assim começam: “Seis dias depois” ou “Uns oito dias depois”. Seis ou oito, sexto ou oitavo dia? Quem está certo?

- Todos! O sexto dia é o dia da criação do homem e é também o dia da morte de Jesus. Na doação da própria vida a humanidade se reencontra, é criada novamente. Certo ou errado? O oitavo dia é o dia da ressurreição de Jesus. Não é simplesmente o primeiro, primeiro é o dia da primeira criação. É o oitavo, o primeiro da segunda semana, da segunda criação. Na ressurreição de Jesus o universo começa a ganhar vida nova. Certo ou errado? Então os três estão certos!

Próprio de Lucas também é a referência explícita ao tema que Moisés e Elias conversavam com Jesus: “o seu êxodo, que se realizaria em Jerusalém”. Êxodo é a saída dos Hebreus da casa da escravidão que era o Egito, em busca da Terra Prometida. O êxodo dos hebreus veio culminar em Jerusalém. Agora o de Jesus é em sentido contrário, ele sai de Jerusalém. A crucifixão era a maldição de Deus, não podia acontecer dentro da cidade, tinha de ser fora. Jesus será levado para fora de Jerusalém. Este será o êxodo de Jesus, seu caminho da liberdade. O assunto não interessava a Pedro e companheiros. Cochilavam.

A nuvem é sinal tradicional da presença do Deus invisível. Segundo Lucas, quando entram na nuvem eles ficam com medo. É perigoso aproximar-se muito de Deus. Não era bem isso o que eles queriam. Da nuvem vem a voz de Deus: “Este é meu Filho (não é apenas mais uma grande figura como Moisés ou Elias)! Escutem o que ele diz!” O que ele diz é tão duro: Não fazer caso de si mesmo, pegar a cruz e segui-lo! Sair com ele, com ele ser excluído da Cidade Santa! O êxodo termina na Terra Definitiva, mas até chegar lá, há quarenta anos de deserto. O oitavo dia só vem depois do sexto.

25. UM JUDEU COM MEDO DOS JUDEUS

O Evangelho segundo João (19,38) diz que José de Arimatéia tinha medo dos judeus. João não apresenta José de Arimatéia, supõe conhecido. Os outros Evangelistas dizem que era um homem rico (Mt), membro do Sinédrio, o Tribunal supremo dos judeus (Lc), e membro importante (Mc). Como é, então, que este homem está com “medo dos judeus”?

E não é só esse. O mesmo Evangelho diz também (9,22) que os pais do mendigo cego de nascença estavam com medo dos judeus. Seria o mesmo que dizer que brasileiros têm medo dos brasileiros. Que “judeus” são esses que amedrontam tantos judeus, pobres ou ricos?

Solução

O quarto Evangelho foi escrito por volta do ano 90, quer dizer 60 anos depois dos acontecimentos que lhe deram origem. O evangelista não é inspirado para contar exatamente o que aconteceu, mas para iluminar os problemas vividos hoje pela sua comunidade, tendo como espelho o que acontecia em torno de Jesus e para que servisse de espelho para outros.

O que amedrontava vários personagens deste Evangelho, como os pais do cego (9,22) era a possibilidade de serem expulsos da Sinagoga, a excomunhão da religião judaica. Isso não acontecia no tempo de Jesus. Nesse tempo, qualquer judeu podia ser um fariseu observante dos 613 mandamentos, podia ser um saduceu bem satisfeito com a vida, podia fechar-se com os essênios num tipo de convento de extremo rigor, ou podia também não seguir qualquer dos movimentos e praticar a religião de maneira mais ou menos assídua, não havia problema, ninguém era excomungado. O Evangelista está colocando lá, sessenta anos atrás, no tempo de Jesus, uma preocupação da época em que o Evangelho foi escrito.

Quando começou a haver excomunhão da religião judaica? Por que isso amedrontava tanto?

A atividade de Jesus se deu pelos anos 29-30. Havia então fariseus, saduceus, essênios, movimentos religioso-políticos vários, judeus praticantes, judeus menos praticantes. Todos eram da religião judaica, sem qualquer problema. No ano 66, rebentou a revolução e os saduceus, ou seja, os Sumos sacerdotes e os Anciãos, foram eliminados. No ano 70 os romanos destruíram Jerusalém e o Templo já nem lugar havia mais para os saduceus. Os essênios, também por causa da revolução, abandonaram seus “conventos” e seu movimento. Sobraram um novo movimento (os cristãos) e os fariseus. Estes se reuniram em torno dos Escribas mais famosos. Esses rabinos ou escribas, com aprovação dos romanos, reorganizaram o judaísmo. No ano 85

decretaram: “Os cristãos estão expulsos da Sinagoga, excomungados da religião judaica, não podem mais ser considerados judeus”. Esses “os judeus” que amedrontavam a tantos.

Por que era tão perigoso ser expulso da Sinagoga, da comunidade judaica? Os romanos deram aos judeus, agora dominados pelos rabinos fariseus, o privilégio de estarem dispensados de prestar culto religioso ao Imperador. Quem não era judeu continuava obrigado e, se não o fizesse, poderia ser preso e até condenado à morte. Os cristãos, evidentemente, não admitiam prestar culto ao Imperador como a um deus, mas, excomungados da religião judaica, estariam obrigados, correndo o risco da pena de morte.

No Evangelho de João, José de Arimatéia, os pais do cego de nascença e outros são espelho de pessoas simpatizantes do cristianismo que tinham medo de ser excomungados do judaísmo por se declararem e assumir a fé cristã. Isso não acontecia no ano 30, no tempo de Jesus, acontecia no ano 90, quando o Evangelho foi escrito.

Hoje não acontece mais, todos podem declarar publicamente sua fé com todas as suas conseqüências, hoje ninguém é obrigado a adorar o que não seja Deus...

26.

IMAGENS, SIM OU NÃO?

No Antigo Testamento encontramos palavras fortíssimas contra a fabricação e o culto das imagens. No livro do Êxodo é o segundo Mandamento: “Não farás para ti imagem ou figura de qualquer coisa que exista no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra. Não farás, nem cultuarás.” (Ex 20,4). Logo após os Mandamentos, o mesmo livro do Êxodo, capítulo 25, versículos 18-20, Deus está mandando Moisés fazer duas imagens de querubins de asas abertas sobre a Arca da Aliança, um com o rosto voltado para o outro. Como é isso: No capítulo 20, Deus proibia terminantemente fazer qualquer tipo de imagem, agora, no capítulo 25 está mandando fazer! Como ficamos?

Solução

A Bíblia é a expressão da fé de um povo sem terra, pobre e oprimido, que um dia descobriu que o Deus dos fracos, o Deus deles, era mais forte do que os deuses dos poderosos que os dominavam. Os dominadores produziam imagens suntuosas e magníficas. Hoje ainda se podem ver no Egito muitas das imagens monumentais que impressionavam e calavam o povo. O povo escravo e sem terra não é capaz de produzir uma imagem dessas. Ao descobrir, porém, que seu Deus é mais forte do que o dos dominadores, entende que deve organizar uma nova sociedade sem dominadores e dominados. Para isso: 1° Ter um Deus só, não há um deus dos fracos e outro dos fortes, 2° Não fazer imagem de Deus, senão o dono da imagem torna-se dono do deus e senhor das consciências das pessoas. Daí os dois primeiros mandamentos.

Javé, o Deus dos pobres, não pode ser manipulado, ele faz o que quer e o que ninguém espera. Por isso não tem imagem. Ele não está na imagem, está na vida, na

luta, na caminhada do povo. Por isso não tem imagem. Ele não está ao alcance do homem, está acima, transcende. Por isso não tem imagem.

Existe, porém, no ser humano uma lei elementar: Nada chega à cabeça, à mente humana, sem antes passar pelos sentidos. É certo que Javé está na vida, nas lutas do povo, mas havia necessidade de se representar isso de alguma forma. Daí a Arca da Aliança, uma espécie de andor que ia à frente dos combatentes de Israel nas lutas pela posse das terras de Canaã. Como Baal montava o bezerro de ouro, Javé sentava entre os querubins, as duas figuras aladas que encimavam a arca. Ele dava força e coragem aos combatentes.

O Templo de Salomão foi construído junto ao Palácio, como um anexo. Poderia manipular a fé para dominar as pessoas. Mas a Arca da Aliança ficava no lugar mais sagrado e escondido do Templo. Aí uma pessoa entrava uma vez por ano. Javé é o Deus escondido e invisível. É a alma do povo do Primeiro Testamento. Os textos bíblicos dessa época não precisam insistir nisso.

Quando boa parte do povo é levada para o exílio da Babilônia e grande parte, aos poucos se dispersa pelo mundo, acontece um choque. Aqueles que jamais viam qualquer tipo de imagem, agora ficam saturados de verem inúmeras estátuas, imagens e figuras de deuses os mais variados. E quem vai dizer que não é bonito? A tentação é grande: O culto judeu, sem visual, é frio, árido e aqui, aquela variedade de figuras...

Os textos bíblicos escritos nessa época caem de pau em cima do culto e da produção de imagens. É o caso de inúmeras passagens do Segundo Isaías (capítulo 40 em diante), do capítulo 6 de Baruc (Carta de Jeremias) e tantos outros.

Nos quatro Evangelhos só num episódio aparece a palavra imagem. Os fariseus mais de uma vez haviam provocado grande agitação contra Pilatos por causa de imagens de César introduzidas na cidade santa de Jerusalém. Na última semana de Jesus, em Jerusalém, eles perguntam sobre o pagamento de imposto a César. Jesus pede que eles mostrem uma moeda e pergunta: “De quem é esta imagem e inscrição (imagem que vocês carregam na sua bolsa, mas brigam tanto para que não seja colocada em nenhum lugar público)?” Ah! No dinheiro pode!...

Essa a idolatria (colocar outra coisa no lugar de Deus) que Jesus condena: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro!”

27.

VESTIU A ROUPA PARA PULAR NA ÁGUA

O capítulo 21 do Evangelho de João fala de uma pesca miraculosa. Jesus estava fora do barco, à margem. Depois da pesca o Discípulo Amado diz: “É o Senhor!” Pedro, então, veste-se, aperta o cinto e pula na água! Alguém faz isso? O natural não é exatamente o contrário, tirar a roupa para entrar na água?

E há muitas outras incoerências no episódio: Antigos pescadores daquele lago após uma noite de busca inútil, seguem a orientação de um estranho que está à beira do lago. Seis homens não conseguem tirar a rede de dentro d’água e a arrastam até a praia, Pedro sozinho pega a rede com todos aqueles peixes e leva até Jesus. Estória muito estranha. Será que aconteceu mesmo?

Solução

O leitor terá percebido que a coerência a ser procurada não é a dos fatos, mas a dos seus significados. O vers. 7 diz que Pedro estava nu, vestiu a roupa (literalmente cingiu, prendeu à cintura ou apertou o cinto) e jogou-se ao mar. Nu, estava à vontade, desarmado, desprevenido. Apertou o cinto ou prendeu a roupa à cintura (Jesus no lava-pés também prendeu uma toalha à cintura como avental para servir), assumiu sua condição de discípulo. O pequeno lago é chamado de mar, porque o mar se liga ao lugar dos mortos, às águas subterrâneas, moradia dos mortos como imaginavam. Jogar-se ao mar é jogar-se à morte, é fazer como Jesus.

Até então Pedro não tinha entendido. No lava-pés Jesus lhe havia dito: “Mais tarde entenderás!” Agora ele entende que ser discípulo de Jesus é estar pronto a servir como ele, de toalha presa à cintura. Entende que seguir Jesus é apertar o cinto e jogar-se à morte tal como ele fez.

Pedro tinha tomado a iniciativa daquela pescaria. Eram sete discípulos. Sete representam o mundo inteiro. À noite Jesus estava ausente, nada pescaram. Ao raiar do dia Jesus está perto. Ele orienta a pescaria e aí estão na rede 153 comunidades adultas, que os seis não conseguem tirar do mar da morte. Pedro sozinho carrega todos os peixes na mesma rede sem que ela arrebente.

Em seguida tudo será dito de forma mais direta. Pedro, que até então não tinha entendido e três vezes tinha traído Jesus, três vezes é obrigado a dizer que o ama. Agora sim, o amor está demonstrado, cuida dos meus pequeninos, os cordeiros, cuida e guia os adultos, minhas (não tuas!) ovelhas. Isso estava dito no simbolismo, ele segurou sozinho a rede com todos os peixes, grandes e pequenos, e levou até Jesus.

Agora foste capaz de apertar o próprio cinto, mais tarde, mais velho, na hora H, terás de levantar os braços para que outros te amarrem... segue-me! Isso já estava dito: Pedro jogou-se ao mar.

Quando este Evangelho foi escrito fazia mais de vinte anos que Pedro tinha sido crucificado. Na Última Ceia Jesus lhe dissera: “Agora tu não me podes seguir”. Agora pode. “Segue-me!”

28.

QUANTO DURA A VIDA HUMANA?

Matusalém viveu novecentos e sessenta e nove, quase mil anos, Adão novecentos e trinta, outro, novecentos e doze, novecentos e cinco. No capítulo 5 de

Gênesis quem morreu mais moço, morreu com setecentos e setenta e sete anos. Até parece conta... E notar que, além de “gerar filhos e filhas”, eles ainda fizeram muita outra coisa nessas idades fabulosas.

Já o Salmo 90 (89) diz no verso 10: “Setenta anos é a duração da nossa vida” os mais fortes talvez cheguem aos oitenta, mas o que passa disso é só dor e incômodo. Como é isso: Dá para viver até perto de mil anos com todo o vigor, ou não dá para ir muito além dos setenta ou oitenta? Quem está certo?

Solução

Uma outra passagem da Bíblia (Is 65,20) ajudará a entender: “Será ainda jovem quem morrer com cem anos. Não alcançar os cem anos será maldição”. O texto fala da esperança de um mundo novo onde não haja mais mortalidade infantil e onde a média de vida venha a passar de cem anos. Uma sociedade organizada como Deus quer deve possibilitar isso. Vida longa no vigor da juventude é sinônimo de vida correta, de acordo com Deus.

O escritor javista, aquele que no tempo de Salomão escreveu a estória do paraíso, da árvore da vida ou da imortalidade, do pecado e perda do paraíso, baseado em mitos orientais, diz que a duração da vida deixou de ser tão longa porque os semideuses ou “filhos de Deus” se uniram às filhas dos homens. O pecado ou infidelidade a Deus baixa a duração da vida.

O escritor sacerdotal, que, ao fim do exílio, deu redação final aos primeiros livros da Bíblia, vai aos poucos baixando a duração da vida: de Adão a Noé de perto de mil até 700 anos, de Sem a Taré, de 500 até 200 anos, de Abraão a Jacó, de 200 até cem anos. A Moisés atribuem-se 120 anos, em três etapas: 40 anos no palácio do Faraó, 40 anos refugiado em Madian, 40 anos liderando o povo pelo deserto. Cento e dez anos foi, em algumas ocasiões, a duração de vida ideal do homem justo como Josué e outros. Por fim o Salmo reza em cima de uma observação da realidade, não muito diferente da de hoje, embora a média de vida da época fosse bem menor que a atual.

A duração da vida é, assim, um elogio ao personagem. A matemática importa menos. É ridículo tentar explicar que se contavam os anos de maneira diferente da nossa, seria necessário reduzir um ano a um mês, pois 969 meses já resultam em mais de 80 anos. A duração da vida e a própria vida estão ligadas à fidelidade a Deus. Isso é o que importa. A mortalidade infantil e as mortes prematuras não estão dentro dos planos de Deus. A sua proposta é de vida, seus mandamentos, sua lei é para que se organize uma sociedade onde ninguém morre antes do tempo, onde se considera maldição não alcançar os cem anos (Is 65,20).

A mortalidade infantil, a subnutrição, a proliferação de doenças, as mortes prematuras, a violência, a criação e multiplicação de novas enfermidades é escolha nossa. “Hoje estou colocando diante de você a vida e a felicidade, a morte e a desgraça” (Dt 30,15). “Ele pôs você diante do fogo e da água e você poderá estender a mão para aquilo que quiser. A vida e a morte estão diante dos homens e cada qual terá aquilo que escolher”(Eclo 15,16-17).

29.

QUEM CARREGOU A CRUZ DE JESUS?

A nossa Via Sacra tradicional contempla Jesus recebendo a cruz às costas e na Quinta Estação Simão Cireneu ajuda-o a carregar a cruz. Os três primeiros Evangelhos não falam de Jesus pegar a cruz, dizem apenas que ao saírem para o Calvário, requisitaram Simão Cireneu para levar a cruz (devia ser propriamente a peça de madeira em que Jesus seria pregado, a estaca já estava lá fincada). Dão a entender com clareza que foi este Simão Cireneu quem carregou a cruz. O Evangelho de João, porém, diz exatamente o contrário, nega o que disseram os outros três: “Jesus, carregando ele mesmo a cruz, saiu para o lugar chamado Caveira (em hebraico: Gólgota)”. Quem diz a verdade? Quem carregou a cruz foi Simão Cireneu ou o foi próprio Jesus?

Solução

Segundo Marcos, Lucas e Mateus, Jesus precisava de ajuda. Este Simão, originário de Cirene, segundo Marcos pai de dois cristãos Alexandre, de nome grego, e Rufo, de nome latino, “carregou sua cruz”, segundo Lucas, “atrás de Jesus”. Ele representa bem os verdadeiros discípulos.

Segundo João, Jesus não precisava de ajuda. O Jesus de João é totalmente senhor de si, ele dá a vida porque quer e quando quer. Ele não é levado para o Calvário, ele sai para o Calvário. Ninguém carrega a cruz dele, ele mesmo carrega. Essa visão da liberdade e autonomia de Jesus está presente e marca bem as diferenças entre o Evangelho de João e os outros três.

Nos três primeiros Evangelhos, no monte das Oliveiras ou em Getsêmani (Espremedor de azeitonas) Jesus, angustiado, pede ao Pai que o livre daquela hora. Em João ele apenas entra num jardim onde costumava se reunir com os discípulos. Nos três primeiros Judas chega com uma multidão armada, dá-lhe o beijo da traição, Jesus é preso e os discípulos fogem. Em João, Jesus sai ao encontro do batalhão que acompanha Judas, trazendo além de armas, tochas e lanternas. Jesus pergunta a quem eles procuram. Quando responde: “Sou eu!”, eles caem de costas. Depois Jesus se entrega, dando proteção aos discípulos.

Nos três primeiros, Jesus é levado à casa do Sumo Sacerdote Caifás onde se reúne o Sinédrio, o tribunal superior dos judeus, e aí se forja uma aparência de julgamento. Depois vêm as três negações de Pedro. Em João, Jesus é levado de mãos atadas, à casa de Anás, que era quem realmente comandava tudo. Anás lhe pergunta sobre sua doutrina e seus discípulos. Dos discípulos Jesus não diz uma palavra. Da doutrina manda que pergunte a quem ouviu, não a ele. Um subalterno dá-lhe um tapa, porque ofendeu o chefe. Jesus lhe diz: “Se falei algo errado, diga o que é. Se falei corretamente, porque me bates?” Antes e depois está Pedro, gelado de medo, tentando esquentar-se ao fogo e negando ser discípulo diante da empregada e dos empregados. Jesus de mãos atadas.

De mãos atadas, mas interiormente livre e senhor de si, segundo João, Jesus é levado a Caifás e, depois, a Pilatos. Em Mateus, Marcos e Lucas, os sinóticos, o diálogo de Pilatos com Jesus é curto. As autoridades judaicas não argumentam com Pilatos, apenas mobilizam o povo para que o force a condenar Jesus e libertar Barrabás. Em João, nos

diálogos que tem com Pilatos Jesus se mostra totalmente superior e senhor da situação. Os chefes judeus argumentam com Pilatos e terminam renegando a sua tradição e qualquer esperança de um reinado de Deus: “Nós não temos outro rei a não ser César!”

30.

QUAIS AS PALAVRAS DO LETREIRO NA CRUZ?

I.N.R.I. Jesus Nazarenus **Rex Iudeorum**, Jesus Nazareno Rei dos Judeus. As 4 letras que abreviam as 4 palavras, estão em todas as imagens do Crucificado. Mas terão sido mesmo essas as palavras colocadas no letreiro que encimava a cruz onde Jesus foi morto? Segundo Marcos (15,26) o letreiro dizia: O REI DOS JUDEUS, segundo Mateus (27,37) o motivo da condenação era: ESTE É JESUS O REI DOS JUDEUS, segundo Lucas (23,38) o letreiro dizia apenas: ESTE É O REI DOS JUDEUS. Somente o Evangelho de João traz as palavras que se tornaram tradicionais. Qual deles está certo? Quais eram exatamente as palavras escritas neste letreiro? Terão sido escritas em que língua, já que a abreviatura que conhecemos é da escrita em latim?

Solução

O leitor que nos acompanhou até aqui sabe que não houve preocupação ou interesse de qualquer discípulo de anotar exatamente qualquer coisa que Jesus tenha dito, muito menos as palavras escritas no letreiro que indicava a causa da sua condenação.

Comum aos quatro é a acusação de Jesus ter tomado ou ter aceito o título de Messias-Rei, o Esperado do povo judeu. Não fazia muito tempo que outros tinham sido mortos por se terem proclamado Messias e tentado organizar um exército para conquistar o poder. Pouco antes ou pouco depois Pilatos exterminava, na gruta onde se escondiam, guerrilheiros galileus chamados oficialmente de bandidos. A acusação que pesou contra Jesus, foi, sem dúvida, a de ser um desses “ungidos” messias-reis ou “bandidos”.

A coroação de espinhos tinha como objetivo exatamente avacalhar essa pretensão. Marcos (15,27), após referir as palavras do letreiro diz: “com ele foram crucificados dois bandidos”. Todos, inclusive os bandidos, ridicularizam o título de Rei-Ungido dado a Jesus. Lucas, o evangelista da moderação política e da misericórdia, chama de “malfeitores”, criminosos comuns, os outros dois crucificados. Só refere as palavras do letreiro após narrar a zombaria dos chefes. Um dos criminosos, ainda em Lucas, chama Jesus de Messias (Ungido ou Cristo) insultando-o, enquanto que o outro reconhece que o reinado de Jesus é outra coisa e recebe dele a garantia do paraíso.

Em João, os dois crucificados com Jesus são apenas “outros dois”, um de cada lado, ficando Jesus no meio. João não disse que tiraram o velho manto de rei com que os soldados ridicularizaram a realeza de Jesus antes de ele ser levado para o Calvário. Ele

está de rei, rei de palhaçada, mas, ao mesmo tempo, rei de verdade. Os dois são testemunhas de sua entronização. Ao mesmo tempo o “Rei dos Judeus”, o sonho nacionalista, é crucificado.

O chefe diz a Pilatos, em João, “Não escrevas Rei dos judeus, mas que ele disse ser o Rei dos Judeus”. “O que escrevi fica escrito!” responde Pilatos. É uma nova Escritura. A mesma cruz onde morre o sonho nacionalista dos judeus, é o trono do Rei diferente, do Rei sem subalternos, sem guardas de segurança, sem poder. Nazareno indica a origem humilde de Jesus, rei diferente, e também lembra a palavra hebraica *néser* que significa Rebeno ou Broto, outro título menos conhecido do Messias. E para os cristãos primeiros leitores do Evangelho, lembra a eles próprios, chamados então de nazarenos.

Seu reino é universal. O letreiro é escrito em latim (língua dos dominadores), grego (língua da cultura universal) e hebraico (língua do lugar).

Uma das coisas mais preciosas na época eram as roupas. Roupas eram o primeiro elemento da herança que uma pessoa deixava. Essa herança de Jesus foi repartida, segundo João, em quatro partes uma para cada soldado romano, recrutados dos quatro cantos do Império. Mas o manto, tecido de cima até em baixo, não foi dividido.

31. **“DE DOIS MIL NÃO PASSARÁ”. PASSOU!**

Há alguns anos atrás citava-se muitas vezes uma suposta frase da Bíblia: “A mil chegará, de dois mil não passará!” Algumas pessoas mais bem informadas chegavam a dizer que a frase estava no livro do Apocalipse. Realmente o Apocalipse de João, no seu capítulo 20, fala duas vezes de uma duração de mil anos. Por mil anos o Dragão, Satanás, Diabo ou a Antiga Serpente, ficará acorrentado e trancado no Abismo (20,2-3). De mil anos é também o reinado dos justos com o Cristo. Mil mais mil é igual a dois mil.

E como foi, então, que passamos do ano dois mil e o mundo não acabou?

Solução

O Apocalipse foi escrito para animar comunidades perseguidas por não aceitar a adoração ao Império Romano. O próprio autor está preso, confinado na ilha de Patmos. É evidente que ele não poderia ter escrito tudo o que pretendia dizer, numa linguagem clara e direta, com todas as letras, como se diz. Seu escrito nem sairia da ilha. Por isso escreve em linguagem cheia de simbolismos e de alusões ao Antigo Testamento. Esse estilo tinha sido muito utilizado no livro de Daniel.

O povo a quem é dirigido o Apocalipse está numa situação extrema. São comunidades pequenas, pobres, fracas, e cercadas por todos os lados de tentações, seduções e ameaças para desistir de seus princípios. Quem participava do culto oficial, da adoração à deusa Roma e ao Imperador, tinha todas as vantagens do ponto de vista social e econômico. Estava de bem com a sociedade, podia comprar e vender, negociar à vontade que tudo ia bem. Quem não concordava em participar desse culto e dessa

adoração ao poder Imperial, estava excluído, quando não ameaçado de prisão e de morte. E essa era a situação dos cristãos. Que esperança se poderia anunciar a essas comunidades? João quer fortalecer sua esperança, pois sem esperança ninguém vive.

O Império Romano é a Fera ou a Besta que “vem do mar” porque chega de navio e “vem do mar” porque vem das profundezas, do lugar dos mortos e do domínio da morte. O Falso Profeta é o culto imperial, a adoração ao Imperador, que nasceu nesta terra mesmo. Eles receberam seu poder do Senhor Morte, Satanás, Diabo, Inimigo, Dragão, Serpente Antiga.

O Apocalipse descreveu um combate violento entre um mensageiro de Deus, um anjo chamado Miguel que significa “Quem Como Deus?” e o Dragão, representante do Império, que dizia “Quem é igual à Fera?”. Os combates se sucedem. Por fim Roma, a grande prostituta sentada sobre as sete colinas, é derrotada e descreve-se a destruição da Grande Cidade. Apesar da nossa fraqueza, temos esperança de vencer, porque somos o exército do Cavaleiro chamado Palavra de Deus. A “Fera”, o Império Romano, e o “Falso Profeta”, o culto imperial, estão derrotados (Capítulo 19). A Velha Serpente, todavia, a tentação que desde o começo seduz a humanidade, continua viva e poderá voltar a criar novas Feras.

O Capítulo 20 descreve a derrota final dos inimigos do Povo de Deus. Satanás, a Antiga Serpente, a Sedução que cria Feras e Falsos Profetas, é preso por mil anos, um longo tempo. As vítimas do Império, mesmo os que foram mortos por não adorar a imagem da Fera, participam do reinado longo, de mil anos, de Cristo. Não se fala de dois mil anos. “Mil anos” significa apenas longa duração como tantas vezes a gente diz. Os “mil anos” em que o Sedutor da humanidade está preso, os cristãos reinam e julgam com Cristo. E em pouco tempo virá a derrota definitiva do mal, quando a própria Morte será atirada ao lago de fogo. Está aberto o caminho para a Jerusalém nova, o mundo novo descrito nos capítulos seguintes.

Que melhor esperança se podia anunciar? E quem falou em fim de mundo?

EPÍLOGO

A ANÁLISE LITERÁRIA

O Documento da Pontifícia Comissão Bíblica fala em métodos de análise literária e apresenta três deles. Aqui vamos nos restringir à análise semiótica ou análise dos significados, que, segundo o mesmo documento, nos pode levar a tomar gosto pela leitura e descoberta dos sentidos escondidos sem precisar de um grande conhecimento de história ou de literatura. Apresentamos, então, um esquema simples, colhido no mesmo documento.

Quem nos seguiu até aqui deve ter notado que as contradições do ponto de vista narrativo ou da verdade histórica detalhada são indícios de que a intenção do autor é falar de modo figurado e aí é que se deve procurar uma solução. Muitas vezes o próprio autor joga uma isca ao leitor para que ele perceba que suas palavras não devem ser entendidas em sentido único e literal. É o caso do autor do Evangelho de João quando faz Nicodemos, um mestre em Israel, perguntar a Jesus se para nascer de novo será

preciso ficar pequenino e entrar novamente no ventre da mãe. “Não seja tolo como ele”, está nos dizendo o autor.

O esquema

Três passos são fundamentais: **A. Identificação das figuras**
B. Percurso das figuras
C. Valor temático das figuras.

A Identificação das figuras

Que são essas figuras? Na narrativa de um episódio tudo se torna figura, porque tudo vai ter um sentido mais profundo do que simplesmente relatar o que aconteceu. Tudo o que está na narrativa são, primeiro, os personagens ou pessoas que têm um papel naquela estória. Devemos levar em conta também as informações sobre lugares, datas, tempo ou momentos, objetos que são citados. Tudo o que está registrado na narrativa tem importância.

No episódio, por exemplo, das Bodas de Caná teremos: 1. Personagens: A mãe de Jesus (Atenção! Nunca se diz que é Maria), Jesus e os seus discípulos, os que prestavam serviço, o Chefe do serviço, o noivo, os convidados.

2. Tempo: No terceiro dia.

3. Lugar: Caná da Galiléia.

4. Coisas: Casamento, vinho,

6 talhas de pedra da purificação dos judeus, água.

O Percurso das figuras

É o que acontece em torno de cada figura. Assim, a Mãe de Jesus estava no casamento, disse a Jesus: “Eles não têm vinho”, aos que estavam servindo: “Fazei tudo o que ele vos disser”, é chamada por Jesus de “mulher”. Jesus foi convidado, com os discípulos, chama sua mãe de “mulher”, diz que, por enquanto, eles nada têm a ver um com o outro, porque a sua hora (da cruz) ainda não chegou, manda os que estavam servindo encher as talhas de água, depois manda tirar e levar ao chefe do serviço, foi o princípio dos seus sinais, manifestou a sua glória e os discípulos creram nele.

Os que estavam servindo ouvem da mãe de Jesus que devem fazer tudo o que Jesus disser, Jesus lhes manda encher as talhas de água, eles as enchem até à borda... O próprio leitor poderá completar.

O valor temático

É o que cada figura e a história toda podem significar ou simbolizar. Lembrar que a maior parte dos detalhes, senão todos, foram escolhidos não por fidelidade aos acontecimentos, mas por causa do seu significado. As “contradições” mostram exatamente que aquele detalhe não tem qualquer valor histórico, só tem valor temático, está ali por causa do seu significado. Exemplo: “No terceiro dia” significaria dois dias depois do acontecimento anterior. No episódio anterior Jesus estava no local onde João batizava, a mais de cem quilômetros em linha reta de Caná da Galiléia. Como Jesus e os discípulos fariam esse percurso em dois dias? Só se já houvesse automóvel naquele tempo. A pergunta, então, deve ser: Qual o significado de “No terceiro dia”?

As talhas de pedra eram seis e estavam ali depositadas. Talhas de pedra que cabiam cerca de cem litros cada. De pedra! Imaginem o tamanho! Que faziam aquelas talhas do ritual judaico numa festa de casamento? Por que insistir no detalhe de serem

seis as talhas? De serem de pedra, de estarem ali depositadas, sem uso, inúteis, vazias. Quanta contradição! Ou isso tudo tem significado?

E o Chefe do Serviço chamar o noivo e pedir-lhe satisfação sobre a distribuição de vinho! Numa história real, o chefe do serviço é contratado pelos noivos, os donos da festa. Aqui ele exige que o noivo lhe preste contas exatamente do serviço para o qual ele fora contratado, a distribuição de vinho. Não é curioso? Ou não interessa a história, interessa o significado! E, então, o noivo já não é mais o rapaz protagonista de um eventual casamento naquela aldeia, é outra pessoa... E o chefe do serviço? E os que serviam? E a Mãe de Jesus?

O leitor poderá reler o número 8, **Jesus queria ver todos embriagados?** E, a partir daí vai descobrir mais e mais coisas. E poderá, assim espero, aprender a ler a Bíblia com outros olhos, “com os olhos abertos”, como dizia uma pessoa das nossas comunidades.